INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

JOSIANI LOUZADA DA SILVA

A POESIA NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Vitória
2016

JOSIANI LOUZADA DA SILVA

A POESIA NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Monografia apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras – na Área de concentração Linguagens e Letramentos, do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes – Campus Vitória, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profª.Drª Andréia Penha Delmaschio

Vitória
2016

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S586p Silva, Josiani Louzada da.
A poesia na sala de aula e a formação do leitor / Josiani Louzada da Silva. – 2016.
78 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Andréia Penha Delmaschio.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2016.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Poesia. I. Delmaschio, Andréia Penha. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título

CDD: 372.4

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

JOSIANI LOUZADA DA SILVA

A POESIA NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Trabalho Final de Curso apresentando ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, em rede Nacional.

Aprovado em 24 de novembro de 2016

COMISSÃO EMINADORA

Profª. Drª. Andreia Penha Delmaschio
Instituto Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Antônio Carlos Gomes
Instituto Federal do Espírito Santo
Membro Interno

Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho
Universidade Federal do Espirito Santo
Membro Externo

DECLARAÇÃO DA AUTORA

Declaro, para fins de pesquisa acadêmica, didática e técnico-científica, que este Trabalho Final de Curso de Mestrado pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e à autora.

Vitória, 24 de novembro de 2016.

JOSIANI LOUZADA DA SILVA

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela presença constante em minha vida. Aos meus pais, irmãos, sobrinhos e cunhados, pelo apoio incondicional e orações, principalmente à minha mãe. Aos meus filhos, pelo carinho e compreensão nos momentos de ausência. À minha orientadora Andréia, por compreender meus limites e, principalmente, pelo conhecimento compartilhado. Aos professores do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, pelos ensinamentos e incentivo. Aos colegas de curso, pela troca de experiências, principalmente às minhas amigas Ana Carolina, Suéllen e Jane, por não me deixarem desistir e pelos ótimos momentos de companhia e alegria. À Ana Carolina, novamente, e sua família, pela acolhida nas quintas-feiras. Aos professores componentes da banca examinadora, pelas sugestões e orientações para minha reflexão e consolidação de novos conhecimentos. À gestora Deuza Lorencini, professores e alunos da EEEFM “Waldemiro Hemerly”, à gestora Elizabete Almeida e professores da EMEF “Bodart Júnior” e à Secretaria de Educação do município de Rio Novo do Sul-ES, pelo incentivo. À prefeita Maria Albertina, pela licença concedida para que eu tivesse condições de me qualificar profissionalmente. À CAPES, pela concessão de bolsa. Aos meus amigos, que ajudaram com palavras de incentivo e encorajamento. Por fim, aos alunos participantes da pesquisa, pela troca de experiências e, sobretudo, pelo envolvimento nas oficinas.

RESUMO

Este trabalho propõe um estudo de poesia, enquanto um gênero textual capaz de possibilitar a vivência de muitas e grandes experiências, pelo seu caráter instigante e desafiador, que provoca o leitor a fazer um exercício de descobertas e ressignificações. O objetivo é abordar a importância do trabalho com esse gênero textual em sala de aula, o qual não tem sido considerado relevante como recurso para a formação intelectual, cultural e política do aluno. Com base em Aristóteles, Octavio Paz e Massaud Moisés, apresenta-se o texto poético como uma obra inacabada, que está sempre pronta a ser interpretada e reinterpretada por novos leitores. O trabalho discute o papel relevante do professor na formação de leitores reflexivos e a importância da poesia na escola, não como pretexto para qualquer atividade, mas a fim de contribuir para a formação crítica e cultural do aluno. Neste sentido, procurou-se apresentar uma proposta de leitura significativa de poemas através de discussão e compreensão, destacando a relação com o texto entre o leitor e sua realidade. Buscou-se desenvolver atividades diversificadas e prazerosas envolvendo música, arte e teatro, objetivando favorecer a aproximação do texto literário com o educando. A ideia foi potencializar no aluno (leitor) a habilidade para sentir a poesia e instigá-lo à leitura e ao domínio dos discursos que o cercam na sociedade. Dessa forma, percebe-se a importância de se resgatar o trabalho com poesia dentro de sala de aula e comprova-se a contribuição desse gênero textual para a formação global do sujeito enquanto agente social, político e cultural. As atividades desenvolvidas estão registradas no blog Poesias na sala de aula, que é parte complementar deste trabalho.

Palavras-chave: Leitura. Poesia. Escola

ABSTRACT

This work proposes a poetry study, a text genre that creates possibilities to live multiple and great experiences, due to its instigating and challenging aspect, which provokes the reader to exercise discoveries and to reframe. The objective is to approach the importance of working in classrooms with this text genre, which hasn't been considered relevant as a resource for the intellectual, cultural and political formation of students. Based on Aristotle, Octavio Paz and Massaud Moisés, the poetic text is presented as an unfinished work, always ready to be interpreted and reinterpreted by new readers. This work discusses the relevant role of teachers in the formation of reflective readers and the importance of poetry in schools, not as a pretext for whichever activity, but meaning to contribute to the critical and cultural formation of the student. In this sense, a proposal is presented regarding the significant reading of poems through discussion and comprehension, highlighting the relation between the text and the reader and his reality. The study aimed at developing diverse and pleasurable activities involving music, art and theater, with the objective of favoring an approximation between literary text and educatee. The idea is to enhance in the student (reader) the ability to feel the poetry and instigate him to reading and to control of speeches that surround him in the society. Therefore, it is acknowledged the importance of recovering the work with poetry in classrooms, as well as substantiated this text genre's contribution, as a social, political and cultural agent, to the overall education of the subject. The activities developed are registered in the blog "Poesias na sala de aula" (Poetry in the classroom), that it is fundamental past of this work.

Keywords: Reading. Poetry. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Fachada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio. 41
Figura 02 - Alunos no laboratório de informática. 46
Figura 03 - Momento com os alunos no pátio. 47
Figura 04 - Soneto escrito por uma aluna. 50
Figura 05 - Alunos escrevendo paródias. 52
Figura 06 - Poemas de alguns alunos. 54
Figura 07 - Alunos realizando atividade de harmonia e musicalização. 55
Figura 08 - Turma toda reunida antes das apresentações. 56
Figura 09 - Primeiro grupo apresentando o poema “Retrato”, de Cecília Meirelles...57
Figura 10 - Segundo grupo apresentando “Soneto do Amor Total”, de Vinícius de Moraes 57
Figura 11 - Terceiro grupo apresentando “Soneto de Fidelidade”, de Vinícius de Moraes. 58
Figura 12 - Quarto grupo apresentando “Soneto de Contrição”, de Vinícius de Moraes. 58
Figura 13 - Quinto grupo apresentando “Soneto de Separação”, de Vinícius de Moraes. 59
Figura 14 - Visita da pedagoga. 59
Figura 15 - Confecção dos objetos relacionados aos poemas. 60
Figura 16 - Confecção dos objetos relacionados com os poemas. 61
Figura 17 - Apresentação dos objetos confeccionados. 61
Figura 18 - Apresentação do projeto "Arte com Poesia". 62

SUMÁRIO

1 INICIANDO O ASSUNTO 9
2 A LITERATURA, A ESCOLA E O ESTUDO DA POESIA 15
2.2 POESIA E PROSA 26
2.3 POESIA NA SALA DE AULA 34
3 METODOLOGIA 37
3.1 LOCUS DA PESQUISA E SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO 39
3.2 INSTITUIÇÃO ESCOLAR E COMUNIDADE 40
3.3 O TRABALHO EM SALA DE AULA E O *BLOG* 42
4 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA E RELATO DE EXPERIÊNCIA 44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 64
REFERÊNCIAS 67
APÊNDICE A - Entrevista com Alunos 69
ANEXO A - As sem-razões do amor 70
ANEXO B - Amor é fogo que arde sem se ver 71
ANEXO C - Ardor em firme coração nascido! 72
ANEXO D - Quadrilha 73
ANEXO E - Motivo 74
ANEXO F - Marcha 75
ANEXO G - Autorização da instituição coparticipante 77
ANEXO H - Termo de Consentimento 78

1 INICIANDO O ASSUNTO

Minha história na Educação teve início ainda no Ensino Médio, período em que cursei o Magistério. Minha trajetória específica em Língua Portuguesa começou em 1994, com o curso de graduação em Letras (Português/Literatura), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Madre Gertrudes de São José (hoje, Centro Universitário São Camilo), na cidade de Cachoeiro de Itapemirim-ES. Comecei a lecionar no mesmo ano de ingresso na faculdade, na cidade de Rio Novo do Sul-ES, local onde resido, para turmas de 6º ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Waldemiro Hemerly", na qual pertenço ao quadro de funcionários efetivos desde o ano de 2005. Atualmente leciono em turmas de séries finais do Ensino Fundamental e também no Ensino Médio. Fui professora, também, na rede particular, no ensino fundamental, no período de 1998 a 2004. No ano de 2003 me tornei professora efetiva do 1º ao 5º ano, na rede municipal de Rio Novo do Sul-ES, onde ainda trabalho.

Escolher a profissão de professora de Língua Portuguesa me aproximou ainda mais dos textos literários, não apenas como uma forma de entretenimento, mas de conhecimento e formação. Em novembro de 2014, iniciei o curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), buscando capacitação para o meu exercício da docência no ensino fundamental, com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino nas escolas em que trabalho. A área de concentração do curso é "Linguagens e Letramentos" e a linha de pesquisa escolhida por mim foi "Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes". As disciplinas cursadas influenciaram-me positivamente tanto na minha atuação docente quanto no desenvolvimento da minha pesquisa.

Este Trabalho Final de Curso apresenta uma pesquisa acerca do gênero textual poesia, defendendo a ideia de que o texto poético pode ser considerado um texto prazeroso. Pauta-se no desenvolvimento de práticas de leitura e compreensão de textos literários canônicos (poemas). É um trabalho realizado a partir de nossa experiência e das observações enquanto profissional da educação pública no ensino básico sobre a importância de ressignificar a prática pedagógica por meio do uso da literatura na sala de aula. As vivências de trabalho na educação fizeram-me perceber, no município no qual atuo, que nos anos iniciais a intensidade da alegria

da literatura é bem maior. É mais frequente a existência de projetos e atividades envolvendo o texto literário, tanto em sala de aula, com cantinho da leitura, como fora dela, com exposições diversas e comemorações, com apresentação de teatro literário e leituras de poesia. O incentivo por parte do profissional da biblioteca também é mais elaborado. Ele organiza horário para empréstimo de livros, divulga as turmas com mais alunos leitores e promove contação de histórias antes do início das aulas ou logo após o intervalo do recreio, de maneira a propagar o livro e incentivar a leitura de fruição. Essas dinâmicas pedagógicas com textos literários promovem a oportunidade de um encontro com um mundo repleto de possibilidades e realidades.

Não estamos, de maneira alguma, querendo menosprezar o trabalho dos professores dos anos finais do ensino fundamental, onde eu também me incluo, mas destacar que, de certa forma, no que concerne à leitura literária, principalmente a poética, nós negligenciamos a relevância da literatura como recurso de formação intelectual, cultural, política e humanística, ao deixar, muitas vezes, de dar ênfase ao trabalho com a literatura, reduzindo-o a somente ler os textos e fragmentos do livro didático.

Entendemos que o livro didático, na maioria das escolas públicas, é o principal recurso disponível para os professores trabalharem com os alunos. Nesse caso, o professor pode fazer do livro um aliado ou inimigo. Pode simplesmente não fazer o uso desse recurso, utilizá-lo do início ao fim ou trabalhar com esse material como um suporte para aprendizagem, de acordo com os objetivos traçados para sua sala de aula, ampliando seus conceitos e atividades. Há outros suportes de aprendizagem que podem e devem ser adotados pelo professor para possibilitar a ampliação do universo cultural dos alunos, como internet, revistas, jornais etc.

Ao longo do tempo, percebemos que muitos professores são pseudoleitores e, dessa forma, contribuem pouco para a formação do leitor, principalmente deixando de lado a obra poética, já que muitos consideram ser difícil o trabalho com poesia, dando, então, mais espaço para outros tipos de textos. Ou utilizam o texto poético apenas para o estudo das rimas, do número de estrofes, da métrica e dos versos, o que pode levar o aluno ao desinteresse por este gênero textual. É obvio que outros textos podem e devem ser trabalhados em sala de aula, entretanto estamos tratando

especificamente da importância que o texto poético apresenta no processo de humanização e de formação de leitores reflexivos e autônomos.

O trabalho com poemas na escola é complexo e requer do professor que ele seja um leitor em potencial, porque é difícil para um professor que não lê conseguir estimular a leitura dos alunos. O professor só conseguirá orientar os alunos na descoberta da beleza artística da obra poética, bem como a polissemia da sua linguagem, se ele se sentir tocado pela poesia, se ele descobrir sentido na leitura.

O poeta modernista e crítico literário norte-americano, Thomas Stearns Eliot (1972, p. 49) declara que “Um poema pode parecer significar várias coisas diferentes para diferentes leitores, e todos esses significados podem ser diferentes daqueles que o autor pensou expressar”. É isso que torna o poema interessante, a multiplicidade e significados, que dependerão da vivência de cada um.

Os alunos, de maneira geral, podem sentir paixão pelo texto literário e não apresentarem resistência à poesia. Talvez porque o vínculo com a poesia costuma se formar desde os primeiros anos de vida, quando a maioria das crianças aprende cantigas e parlendas em casa, com a família, na creche ou pré-escola, sendo assim introduzidas, sem saber, no universo da poesia.

Nessa perspectiva, o trabalho com a linguagem poética pode despertar o gosto e o prazer pela leitura e pela escrita, porque se relaciona com o sentimento, a sensibilidade. Além disso, o trabalho com poesia exercita a imaginação do aluno, através da discussão das variedades de interpretação que auxiliarão, posteriormente, na escrita de textos literários diversos em sala de aula.

Nas minhas aulas, gosto muito de usar textos poéticos e tenho gostado do resultado porque tem contribuído com minha prática no trabalho com leitura, compreensão e produção textual, o que me levou à escolha do tema. Entretanto, existe uma inquietação que passou a ser recorrente em minha prática: Como trabalhar o texto poético sem considerá-lo como pretexto? Como estimular o hábito de ler e produzir textos poéticos?

Diante dessas inquietações, chegamos ao nosso questionamento de pesquisa: Em que medida a utilização de poemas nas aulas de Língua Portuguesa pode contribuir

com a formação do leitor?

Portanto, meu interesse em apresentar um estudo sobre poesia, bem como uma proposta de trabalho para ser realizada em sala de aula, surgiu a partir de minha prática e porque acredito que a poesia desperta, no aluno, o gosto por leitura e produção textual, pelo seu caráter prazeroso, crítico e instigante. Essa inquietação, portanto, me direcionou a estudar mais sobre o tema e, juntamente com meus alunos apresentar nossas atividades realizadas em sala de aula, objetivando comprovar que o texto poético, quando se trabalha seu conteúdo, as ideias apresentadas, através da liberdade de expressão, cria-se as condições necessárias para a realização de um trabalho que contribua para despertar, no aluno das séries finais do ensino fundamental, o gosto e o prazer por leitura e produção de texto literário.

A partir da análise do objetivo geral desta pesquisa, que é resgatar o trabalho com poesia dentro de sala de aula, comprovando a contribuição desse gênero textual para a formação global do aluno, enquanto agente social, político e cultural, chegamos a itens específicos que foram desenvolvidos durante as atividades realizadas. Listamos os seguintes:

- Mostrar a importância de se resgatar o trabalho com poesia dentro da escola;
- Apontar de que forma a poesia pode contribuir para a formação crítica e cultural do aluno;
- Apresentar, como produto final, um *blog*, com propostas práticas para os professores das séries finais do ensino fundamental.

No 2º capítulo, temos o aporte teórico desta pesquisa que se inicia com a análise de algumas dissertações sobre a formação do leitor, poesia e prática de textos poéticos no contexto escolar, as quais se relacionam com o tema de nosso trabalho.

A seção “Leitura e Literatura” trata da importância da escola na formação do aluno leitor de texto literário, sendo o professor a peça fundamental porque é ele quem vai mediar as atividades, de maneira que facilite a aprendizagem do educando.

A seção seguinte, “Poesia e Prosa”, apresenta a arte poética na visão de Aristóteles,

o qual acreditava que a poesia teria sido criada por homens que conseguiam realizar a imitação através de improvisos porque a imitação é natural ao ser humano. Faz também uma distinção entre poesia e poema baseando-se em Octávio Paz, um escritor que nos leva a entender que para encontrarmos poesia em um poema há uma necessidade de nos deixarmos ser tocados por essa poesia, em Italo Moriconi, quando trata da exploração da linguagem no texto poético e Massaud Moisés, para defender que a poesia existente no poema é encontrada pelo leitor, podendo ser de maneiras diferentes para cada um, dependendo da vivência e experiência adquirida. Objetiva, também, apresentar conceituações do tema, com base em Massaud Moisés. Já a parte da "Poesia na Sala de Aula e o *Blog*", defende a ideia de que a poesia deve ser trabalhada em sala de aula porque é um tipo de texto que estimula a leitura e a escrita pelo seu aspecto desafiador e pelas possibilidades de leitura que ele oferece. Também apresenta o produto final desta pesquisa (poesiasnasaladeaula.blogspot.com.br).

O terceiro capítulo trata de nossa pesquisa participante, dando destaque à realidade cotidiana dos alunos envolvidos, através da seção "Locus da Pesquisa e Sujeitos da Investigação". Dando continuidade sobre os envolvidos no processo da pesquisa, a seção "Instituição Escolar e a Comunidade" apresenta um perfil da escola e da comunidade na qual está inserida. A seção "O Trabalho em Sala de Aula" apresenta etapas da pesquisa desenvolvida.

Em nosso último capítulo trazemos os momentos referentes às oficinas realizadas, relatando a aplicação da proposta pedagógica realizada em duas turmas do 8º ano da Escola "Waldemiro Hemerly", e discutimos os resultados obtidos a partir da aplicação.

Desse modo, a concepção exposta neste trabalho, sobre o texto poético, é que ele apresenta grande importância no ensino de Língua Portuguesa, auxiliando na formação de um aluno leitor crítico e reflexivo.

A conclusão do trabalho promove a reflexão sobre o projeto pedagógico realizado, todo o envolvimento da minha parte como professora e pesquisadora e a participação dos alunos.

Assim, este estudo aborda o trabalho com o texto literário em sala de aula,

especificamente o de poemas. Esta pesquisa aconteceu de modo participante, objetivando apresentar práticas significativas e enriquecedoras de leitura do texto literário, as quais podem ser incorporadas em sala de aula de alunos das séries finais do ensino fundamental. Os sujeitos envolvidos são adolescentes na faixa etária de 13 a 15 anos, de uma escola pública da rede estadual de ensino, no município de Rio Novo do Sul, estado do Espírito Santo.

Esta pesquisa poderá contribuir para os educadores e futuros educadores, visto que deixaremos um material de livre acesso aos profissionais, que poderá ser útil em aulas que visam à formação do leitor e produtor de textos: o *blog* Poesias na sala de aula.

2 A LITERATURA, A ESCOLA E O ESTUDO DA POESIA

A partir de questionamentos sobre como têm sido realizadas as aulas de Língua Portuguesa, com o gênero poesia, objetivando despertar o interesse por leitura e escrita, é que construímos o objeto de investigação. A pesquisa busca verificar, portanto, como a poesia pode ser um objeto de aprendizagem capaz de despertar no aluno o gosto pela leitura e pela escrita. Nesse sentido, torna-se imprescindível o conhecimento de pesquisas sobre formação do leitor, sobre teoria literária, sobre poesia e sobre o trabalho prático com textos poéticos no contexto escolar.

São muitas as produções nessa área. Entretanto, selecionamos algumas dissertações e teses que se relacionam diretamente com o nosso tema de pesquisa. Escolhemos a pesquisa de Freitas (2012) porque reflete sobre o uso do texto poético na escola considerando que esse gênero pode ajudar na melhoria da leitura, da compreensão, da interpretação e das produções textuais dos alunos. Analisamos a pesquisa de Santos (2012), por questionar o motivo de não se explorar a poesia na escola. E ainda o artigo de Quadros (2015), que buscou verificar a existência de uma abordagem hermenêutica no trabalho de interpretação de poemas, ou seja, dando destaque ao sentido das palavras, de acordo com a vivência de cada um.

Manoel Guilherme de Freitas (2012), em sua dissertação de Mestrado em Letras pela Universidade do Rio Grande do Norte, defende que o ensino de Língua Materna sempre teve como foco principal a gramática. Aos poucos foi ocorrendo uma mudança no ensino, passando a ser priorizado o texto. A gramática normativa seria utilizada, então, de forma contextualizada. De acordo com Freitas, o modelo mecanicista, em que o professor era imponente e o aluno tinha que aprender o manual da gramática tradicional, foi utilizado, em sala de aula, no período da ditadura militar, no Brasil. A mudança de pensamento priorizou a leitura, a compreensão do texto e a produção. Entretanto, não se tinha uma metodologia adequada. “Ou seja, não fazia bem nem uma pedagogia nem outra”. (FREITAS, 2012, p.17).

Entendemos, portanto, e concordamos que há necessidade de um equilíbrio na forma escolhida para se trabalhar um poema em sala de aula. Se existirem palavras e/ou frases estruturadas de maneira que a parte gramatical seja relevante, também

podem e devem ser observadas e destacadas, até mesmo porque pode ser um fator importante para auxiliar na análise e compreensão do sentido do texto.Ainda de acordo com Freitas (2012), a busca por um ensino de qualidade continua entendendo como necessário o trabalho com gêneros textuais diversificados, como crônica, conto, reportagem, resenha, e-mail e outros, despertando o hábito e o prazer pela leitura, bem como priorizando uma formação crítica dos alunos. O uso de textos na sala de aula provocará o diálogo entre os alunos auxiliando na formação do aluno-leitor. Baseando-se na obra “Estética da Criação Verbal”, de Bakhtin, Freitas defende um trabalho com gêneros textuais no espaço escolar, provocando um ambiente de interação e diálogo, podendo incentivar a escrita e a produção textual.

A tese de Freitas (2012) cita, portanto, o papel da literatura na formação do leitor, pois desperta o prazer e propicia a descoberta de um mundo imaginário. Ele também comenta sobre a importância da figura do professor, o qual auxiliará o aluno com leituras significativas e contextualizadas, de maneira que os alunos apresentem suas ideias, suas interpretações e haja trocas de experiências em aula.

Assim como nós, Freitas defende que o texto poético é um campo propício para auxiliar na formação do leitor. Ele considera o gênero poesia especial, pois o “texto poético oscila entre estilo clássico e moderno de compor” (FREITAS, 2012, p.49). Dependerá da época e do estilo de cada poeta a composição do texto para se obter ritmo, não há apenas uma maneira de produzir esse tipo de texto. São textos que podem ser bem atraentes, por isso cabe ao professor o cuidado na seleção dos poemas, de acordo com suas particularidades, trabalhando com aqueles que atendam às necessidades reais dos alunos.

Também concordamos com Freitas com respeito ao fato de muitos professores utilizarem o texto poético somente como pretexto para reprodução de regras gramaticais. O texto poético tem muito a auxiliar na formação do leitor porque ele permite a construção de conceitos, o aluno recria “outra realidade possível, a partir das significações, dos discursos que vão sendo construídos pelos interlocutores” (FREITAS, 2012, p.52). Esse é o ponto principal da nossa pesquisa: o texto poético pode contribuir muito na formação do aluno-leitor, pois ele é carregado de significado que pode e deve ser compreendido pelos leitores. Não quer dizer que

não se possa fazer análise gramatical em um texto poético, mas que esse não seja o foco e sim, a análise e discussão do sentido do texto, a riqueza do conteúdo. É necessário discutir a palavra, sua função num determinado verso ou estrofe, o modo como o autor a empregou, mas também o conteúdo de forma geral, a harmonia provocada pela união das palavras, o sentido formado. No estudo do texto literário, a conotação é relevante porque importa o sentido da palavra no contexto. É necessário, então, deixar clara a diferença entre sentido literal e figurado, e também destacar outros recursos estilísticos, como figuras de pensamento e de palavra, que se manifestam com muita frequência na linguagem.

Durante sua pesquisa, Freitas pôde constatar que, em uma das escolas participantes do seu projeto, localizada na área urbana de Pau dos Ferros – RN, onde se realizavam mais projetos de leitura, recitais e muito trabalho com textos literários, foi possível despertar, nos alunos, o hábito de ler por prazer. É uma escola de referência, no que tange à leitura. Em 2010, de acordo com o autor, essa escola foi campeã na Olimpíada de Língua Portuguesa, em duas categorias: poesia e relato de experiências.

Portanto, se o texto poético possui tantas características positivas, o trabalho com poesia é realmente importante na sala de aula e não deve ser esquecido pelos professores. Obviamente que outros infinitos textos também devem ser oportunizados aos alunos para fazer a diferença no ensino de leitura, compreensão e produção textual.

A dissertação de Leonaldo Batista dos Santos (2012), apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, é resultado de uma pesquisa realizada sobre a recepção de poemas na disciplina de Língua Portuguesa, na educação básica. A ideia foi trabalhar em séries diferentes (6º e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio), com os mesmos textos (poemas). O objetivo seria analisar as interpretações por alunos, em diferentes estágios de formação escolar. Santos (2012), destaca em sua metodologia, a importância do papel do professor como mediador do ato de ler, organizando questões, sugerindo e problematizando reflexões em torno de hipóteses ora levantadas pelos próprios alunos, ora sugeridas por ele, a fim de serem confirmadas ou não no próprio texto.

Entendemos como positiva essa atuação do professor. Os PCNs (1998, p.48) afirmam:

> A mediação do professor, nesse sentido, cumpre o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas de linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos inicialmente pelo grupo – intenções, valores, preconceitos que veicula, explicitação de mecanismos de desqualificação de posições – articulados ao conhecimento dos recursos discursivos e linguísticos.

O professor exerce grande influência na formação do leitor, sim. Se o educador for uma pessoa que não gosta de ler ou que não sente prazer na leitura, dificilmente conseguirá despertar no aluno o desejo de ler. O professor pode auxiliar o leitor a interagir com o texto, de maneira que ele ultrapasse o limite da leitura visual e comece a participar, ativamente, da construção do conhecimento. Dessa forma, a relação entre leitor e texto vai se tornando significativa, desenvolvendo a sensibilidade e postura crítica.

Baseando-se em Antônio Candido, um dos maiores críticos literários do Brasil, Santos (2012) destaca a importância da literatura como direito de todos e não um privilégio de alguns.

> [...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguma entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade (CANDIDO apud SANTOS, 2004, p.174).

Nesse âmbito, concordamos com Candido. Assim como a alimentação, a moradia, o emprego, a literatura também é um direito fundamental. O ser humano também precisa de entretenimento, de lazer, de música de qualidade, um bom filme, teatro ou uma obra literária. São direitos sociais e culturais. As pessoas exercitam sua imaginação fictícia todos os dias, através de uma música, um livro, uma novela televisiva, uma conversa... Sendo assim, são inerentes ao ser humano essa fabulação e a narrativa fictícia. A literatura é uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Portanto, é uma necessidade que precisa ser

satisfeita, tornando-se, consequentemente, um direito. É um direito que nos auxilia na humanização, porque nos faz vivenciar diferentes realidades e situações. De acordo com Candido, a humanização é

> [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício de reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (SANTOS apud CANDIDO, 2004, p. 180).

Na formação humana dos leitores, a leitura literária é requisito fundamental. Não estamos nos referindo ao estudo de estilos literários, mas à leitura para formação de seres pensantes e criativos, capazes de influenciar na sociedade, porque produziram sentido ao que leram. A literatura é humanizadora, na medida em que possibilita a discussão e a reflexão sobre preconceitos e atitudes da sociedade, por exemplo. A literatura contribui para a formação integral da pessoa porque exerce função social importante. Não se trata de um texto utilitário. Numa relação dialógica entre leitor e texto, diferentes finalidades são atribuídas, o desenvolvimento cognitivo e emocional é aperfeiçoado, constituindo seres humanos reflexivos e críticos e capazes de se colocarem na pele do outro. A literatura nos apresenta novas ideias e novos pensamentos, possibilitando o alargamento de horizontes, uma nova percepção das coisas.

Nesse sentido, entendemos que a poesia é indispensável às práticas escolares e ao processo não só de formação, mas de transformação dos educandos, e, no entanto, a escola tem colocado a poesia à margem de suas práticas. A escola é um importante espaço de defesa, promoção e manutenção do acesso de seus educandos ao texto literário. Encontramos nos PCNs, o registro sobre o papel da escola de

> [...] instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos (PCNs, 1998, p. 48).

A escola ainda é o melhor lugar para aquisição de conhecimentos essenciais para a inclusão social. Nesse sentido, desenvolver, no aluno, apenas habilidades de codificação e decodificação da linguagem seria muito pouco. É importante criar um espaço reflexivo, para troca de experiência e ampliação da competência comunicativa e do seu papel social. De acordo com os PCNs (1998, p.26)

> O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua.

E ainda, analisando o Currículo Básico das escolas do Estado do Espírito Santo, que é o estado onde se encontra a escola na qual está inserida nossa pesquisa, encontramos o registro de que a literatura

> [...] propicia ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, capacita-o a lidar com o simbólico e a interagir consigo mesmo, com o outro e com o mundo em que vive, possibilitando-lhe assumir uma postura reflexiva, tomando consciência de si e do outro em relação ao universo letrado, e tornando-se capaz de ser protagonista de uma ação transformadora (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 66).

O texto literário deve ter lugar reservado na aprendizagem da língua, pois atuando no imaginário, auxilia na construção de hipóteses e no desenvolvimento da capacidade de estabelecer sentidos, levando o aluno à apreensão do conhecimento de uma forma diferente. Daí a importância de uma boa biblioteca, com incentivo e enriquecimento da leitura. A leitura literária possibilita um trabalho dinâmico e criativo que despertará, nos alunos, uma competência leitora e o gosto para outros gêneros textuais.

De acordo com Santos (2012), após sua observação diária em práticas escolares de leitura literária na educação básica, o diálogo com colegas da área e participação em eventos da área de educação, tem constatado que a poesia é pouco estudada dentro do espaço escolar. Ainda afirma que a prioridade dada ao texto em prosa seja possível pelo fato dos próprios professores terem preferência por esse gênero, ou ainda, seja em decorrência da própria formação desses profissionais.

Em sua pesquisa, envolvendo alunos do ensino fundamental e médio, Santos (2012) constata que a poesia é um “gênero capaz de despertar o interesse de leitores em

qualquer faixa etária". Obviamente que os demais gêneros também apresentam essa mesma capacidade, tudo depende da maneira como o trabalho é realizado. Ele registrou grande participação dos alunos, especialmente do ensino fundamental. Talvez, segundo o autor, pela própria fase da adolescência, quando os alunos do ensino médio ficam muito preocupados com a opinião do grupo e, portanto, sentem vergonha de expor suas ideias. Ainda, de acordo com o pesquisador, foi muito importante respeitar os níveis de aprendizagem de cada série.

O artigo de Tiane Reusch de Quadros (2015), Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, considera que muitos professores apresentam dificuldade no ensino de poesia, mas que é importante a abordagem desse gênero literário em sala de aula, não apenas para que os alunos apreciem a poesia, mas para que reconheçam o seu valor literário.

De acordo com a autora, a linguagem utilizada no poema não é aquela que "significa apenas algo, mas que é aquilo que significa". Quando o aluno lê um poema descobre possibilidades de encontrar outras interpretações. Dessa forma, o aluno vai além daquilo que se vê, ele se encontra diante de uma linguagem que nada se aproxima do imediato, da objetividade, do superficial. O poema demanda do seu leitor um olhar mais atento. O leitor se percebe como sujeito construtor de significados. Está diante de uma leitura que transcende a realidade, que se preocupa em dar vazão à imaginação. Nesse sentido, cada leitor se reconhece no texto lido de acordo com a própria vivência, com a sua relação com o mundo.

A pesquisa de Quadros (2015) difere da nossa porque ela trabalha com o público do Ensino Médio, e nós, com o Ensino Fundamental II. Entretanto, o interessante é que uma das turmas escolhidas por ela não tinha o hábito de estudar poesia, mas durante as aulas, a maioria dos alunos se mostrou interessada na leitura de poemas e desejosa de desvendar o "mistério" das palavras, de "mergulhar" na imaginação, de tornar o texto significativo para si, aumentando a capacidade de investigação. Consequentemente, foi desenvolvido nos alunos um interesse maior pela leitura.

De acordo com essa pesquisa, a poesia é um gênero que colabora para despertar o interesse e o gosto pela leitura, pela sua característica plurissignificativa, levando o leitor a considerar várias possibilidades de interpretação. É um gênero que trabalha

com liberdade, criatividade e reflexão. Possui uma linguagem que conquista os alunos porque sai do nível literal do texto e consequentemente auxilia na formação de novos leitores críticos, reflexivos e ativos em suas decisões sociais enquanto participantes da sociedade.

2.1 LEITURA E LITERATURA

Nós nos tornamos leitores ou já nascemos leitores? A leitura, no sentido de

decodificação das palavras é aprendida, da mesma forma que aprendemos a falar e a andar, por exemplo. Nesse sentido, a escola tem papel fundamental, mas na verdade todos os fatos que ocorrem na vida de uma pessoa, desde sua infância, principalmente ligados à transmissão oral, como histórias contadas por pais e avós, marcam a trajetória de leitura das pessoas. São situações que, de alguma forma, envolviam-nas com a leitura e corroboravam na formação do leitor.

A criança, antes mesmo da alfabetização, exerce a ação de ler através da interpretação de imagens, folheando textos, mesmo que não decodifique letras e palavras. Logo, a leitura exerce um “fascínio” no público infanto-juvenil, devendo ser incentivada e trabalhada de forma prazerosa e dinâmica desde os primeiros anos de vida.

Na “Revista Criança” (2005, p.18) Edmir Perroti, professor de Biblioteconomia da Universidade de São Paulo (USP) e consultor do MEC, afirma: “A criança pode não saber ainda ler e escrever, mas ela já produz texto: ela pensa, fala, se expressa”.

A consultora de Educação Infantil do Ministério da Educação, Vitória Líbia Barreto de Faria (2004, p.57), confirma essa ideia:

> [...] a criança antes de aprender a ler e a escrever é capaz de compreender a função social da escrita, seus diversos usos, as diferenças entre as linguagens oral e escrita e até mesmo entre gêneros, estruturas textuais e aspectos relativos a tipos e tramas dos textos.

Portanto, é um trabalho que exige continuidade e aperfeiçoamento. Somos produtores de texto natos, ainda que orais. Se estivermos em um ambiente favorável

à leitura e à escrita, poderemos ter oportunidades de descobrir habilidades.

A escola pode e deve propor esse trabalho com leitura e escrita nas mais diversas situações. Precisa criar um ambiente saudável e rico para as práticas de leitura, formando sujeitos criativos e críticos, que vejam a leitura como fonte de informação e de prazer.

O educador é a peça fundamental que vai propor as atividades aos seus alunos por meio de práticas atuantes, que estimulem na criança o prazer pela leitura e pela escrita. Ele será um facilitador da aprendizagem do educando. Esse trabalho não deve se restringir ao uso do livro didático, pois a maioria apresenta textos narrativos e poemas fragmentados, servindo como pretexto para o ensino da gramática, e um caminho previamente determinado dentro do texto.

No livro “O Ato de Ler”, Ezequiel Theodoro da Silva (2005), professor experiente na área da educação, com ênfase em psicologia, pedagogia e didática, chama a atenção para a prática deficitária de leitura no Brasil, destacando que faltam informações que orientem a eficiência na prática. Dessa maneira, o ensino da leitura acaba sendo realizado ao acaso, numa tentativa de acerto. Silva (2005, p. 34), ainda critica as faculdades de Letras que se preocupam apenas com modismos e gramáticas e não priorizam a problemática da leitura. Ou seja, há uma formação “carente” do professor de leitura. Isso quer dizer que falta prática de leitura nos cursos de letras. O professor precisa aprender a realizar leitura crítica para conseguir também ensinar seu aluno a ler. Na verdade, é um problema estrutural e político das faculdades de letras, do sistema educacional brasileiro de modo geral, o qual deveria priorizar a preocupação com a formação de profissionais que possam modificar o mundo pela linguagem e pela ação.

A leitura a que nos referimos é aquela em que “[...] o leitor executa um ato de compreender o mundo” (SILVA, 2005, p. 43). Não se trata apenas de decodificação, de reprodução mecânica de informações, mas de atribuir significados ao que lê, de refletir sobre a leitura realizada. É necessária compreensão da mensagem. O autor não se encontra presente para explicar, então é um momento entre o leitor e a mensagem escrita, um momento de abertura de novos horizontes no sentido de experimentar outras alternativas. Ainda segundo Silva (2005, p. 45), “[...] o indivíduo

compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo". Estamos tratando de leitura crítica, a qual, de acordo com Silva (2005, p. 81), levará o leitor a construir o próprio texto.

Professora colaboradora e pesquisadora da Unicamp, Eni Orlandi, no livro intitulado "Discurso e Leitura", afirma: "Atualmente, a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é fornecido pelo livro didático" (ORLANDI, 2012, p. 57). Isso quer dizer que, muitas vezes, o professor fixa a orientação apenas no que lhe é fornecido pelo livro didático, considerando apenas a leitura feita por um crítico. Entretanto, como afirma Orlandi (2012, p. 114), "[...] toda leitura tem sua história". A autora quer dizer que, numa determinada época foi feita uma possível leitura para um texto, mas que, em outra época, outras leituras poderão ser possíveis. Isso porque o sujeito leitor pode interferir no texto atribuindo novos significados a partir de suas vivências, de sua visão pessoal, cultural, histórica e ideológica. O papel do professor, então, de acordo com Orlandi é

> [...] que o professor pode modificar as condições de produção da leitura do aluno: de um lado, propiciando-lhe que construa sua história de leituras; de outro, estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto (ORLANDI, 2012, p. 59).

O texto não é um produto pronto e acabado. É preciso compreender o processo de leitura que não fixe apenas no sentido evidente, porque isso gera um sujeito passivo, que apenas extrai informações prontas e explícitas do texto. O leitor deve estar atento porque o sentido do texto pode sempre ser outro. Orlandi (2012, p. 60), com relação às leituras previstas e possíveis para um texto, alerta para o cuidado de não petrificar as leituras previstas, mas permitir a descoberta de uma leitura nova, de acordo com o possível.

Cabe à escola observar a dinâmica da sociedade e, a partir daí, traçar caminhos possíveis para a formação do leitor crítico e participativo, o qual está inserido num contexto histórico, social e cultural, do qual faz parte a linguagem. Orlandi escreveu sobre as diferentes formas de linguagem que podem oferecer oportunidades de leitura e salienta que

> A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para

> uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam (ORLANDI, 2012, p.52).

A relação dialógica entre literatura, música, meios audiovisuais e visuais, também podem oferecer oportunidade de leitura. As várias linguagens da sociedade podem concretizar a leitura, não apenas o texto verbal.

Destaca-se que, para a formação do leitor ser significativa, torna-se relevante o ensino da leitura literária. Leitura e literatura fazem parte do programa do ensino de português. De acordo com Zilberman (2010, p. 35), a leitura faz parte do início da aprendizagem, ela forma a base do ensino brasileiro, é elemento fundamental porque conduz à outras etapas do conhecimento. E o campo de ensino que mais se aproxima dela é o de literatura. De acordo com a autora, o texto literário não formula expressamente a intenção, deixando o leitor interagir com o texto para descobri-la

> O mundo representado pelo texto literário corresponde a uma imagem esquemática, contendo inúmeros pontos de indeterminação. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma inacabada e exigem, para serem compreendidos e introjetados, que o leitor os complete. A atividade de preenchimento desses pontos de indeterminação caracteriza a participação do leitor [...] (ZILBERMAN, 2010, p.42).

O leitor é convidado a participar da constituição do texto literário, contribuindo com a imaginação e experiências, construindo, dessa forma, seu entendimento. A partir das indeterminações, criam-se imagens que constituirão um significado em sua mente. A leitura está relacionada com compreensão e aprendizagem. Dessa maneira, a relação entre leitor e texto é dialógica, interativa, com a finalidade de (re)construir sentidos. O autor não é senhor absoluto do seu texto. E cada leitor pode, a sua maneira, recriá-lo com nuances diferentes e pessoais, dependendo da época e de suas vivências.

Ao tratar das especificidades do texto literário, encontramos nos PCNs que

> É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (PCNs, 1998, p. 27).

Sob essa perspectiva, o trabalho com o texto poético torna-se primordial para que os alunos possam sentir o deleite proporcionado pela leitura. É um tipo de texto que foge ao comum, que só pode ser apreendido pela reflexão do sentido das palavras com suas metáforas.

2.2 POESIA E PROSA

Desde a antiguidade, o homem tenta explicar o fenômeno da arte poética. Aristóteles, na “Poética”, afirma que poesia é imitação, a qual acontece por meio do ritmo, da linguagem e da harmonia, empregados em conjunto ou separadamente.

Para o filósofo, a palavra *mimese* está ligada à arte e à natureza. A arte imita a natureza. É capaz de fornecer possíveis interpretações do real. Imitar significava repetir os movimentos da natureza, através de um comportamento gestual, acrescentando a isso palavras ou cantos que expressassem as emoções humanas, recriadas pelo sentimento de cada um e pela união dessas emoções.

O artista, então, não é simplesmente um plagiador do real, mas é um criador que possui uma visão dinâmica do mundo. Portanto, o poeta está sempre atento ao ritmo e à harmonia da natureza.

O imitar faz parte da natureza humana. O homem é o ser mais imitativo entre os animais. Essa é uma característica que o diferencia dos demais seres vivos, e os homens sentem prazer no imitado.

> De fato, no ser humano a propensão à imitação é instintiva desde a infância, e nisso ele se distingue de todos os outros animais; ele é o mais imitativo de todos, e é através da imitação que desenvolve seus primeiros conhecimentos (ARISTÓTELES, 2011, p.44).

A poesia, então, teria sido criada pelos homens mais propensos à realização da imitação, por meio de improvisos.

> Como a imitação nos é natural, tal como o são a harmonia e o ritmo (é evidente que a métrica faz parte dos ritmos), originalmente aqueles dotados de talentos naturais no que se refere a essas coisas aos poucos se desenvolveram e, a partir de improvisações, criaram a poesia (ARISTÓTELES, 2011, p.45).

Claro que podemos hoje, à luz dos diversos pensamentos que se desenvolveram

posteriormente aos estudos de Aristóteles, concordar com ou discordar de algumas de suas colocações; não devemos é ignorar a importância das colocações feitas por ele na *Poética* para a história da literatura e seus desdobramentos.

O poeta, sendo imitador, não é um artífice de segunda categoria. O que ele produz não é sombra das coisas[1] Para Aristóteles, a imitação é o lugar da semelhança e da verossimilhança.

Ainda, de acordo com a *Poética*, entendemos que existe diferença entre o historiador e o poeta, e não simplesmente por escreverem verso ou prosa. Para Aristóteles, o historiador relata o que ocorreu, enquanto o poeta, o que poderia ter ocorrido, o possível e a verossimilhança. Por isso, a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história.

A verossimilhança não é igual à verdade, mas também não é igual à mentira. Situa-se na esfera do possível. Representa antes a vontade da verdade do que a verdade mesma. Seria o possível, mas não o verdadeiro.

Fernando Pessoa escreveu que o poeta é um fingidor, fingindo a dor que deveras sente. Não se trata simplesmente de fingir. Existe marcada aí uma relação paradoxal: o poeta finge uma dor real.

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,

Na dor lida, sentem bem,
Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda

Que se chama coração.

[1] Conceito encontrado na obra “República”, de Platão, no livro X, último da obra, onde se verifica a justificativa de a poesia grega não exercer papel importante na formação dos cidadãos. Para Platão, nem tudo o que o poeta “diz” no poema é verdadeiro, tornando-se um problema para a educação de homens virtuosos.

(PESSOA, 1980. p. 190)

A poesia é uma forma de expressão pela qual o poeta consegue falar das coisas não como elas são, mas como se vê e se sente. Poeta e professor de literatura brasileira na UERJ, Moriconi (2012), no livro *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*, expõe que a poesia é a mais refinada das paixões. O poeta enxerga além da realidade, seu mundo de metáforas aproxima-se do encanto e da magia.

A palavra que deu origem ao termo poesia é *poiesis*, palavra grega que se refere a "criar ou fazer" e da qual também deriva as palavras *poiema* (poema), poeta, *poetria* (poetisa), *poeticés* (poética).

Existe poesia sempre que, tomado pelo sentimento do belo, a pessoa cria ou faz alguma coisa, ou ainda quando a pessoa se comove diante de outras, ou diante de objetos ou lugares. Podem estar carregados de poesia, por exemplo, uma pintura, uma fotografia, uma escultura, um gesto, uma música, um filme ou um conto.

Já a palavra *poema*, em latim, significa "composição em verso". É um texto marcado por recursos sonoros e rítmicos. Diferentemente do texto em prosa, a unidade da frase não é a direção significativa, mas o ritmo. No poema, a frase comum se transforma em frase poética. As palavras vão se atraindo ou se repelindo e o poeta busca a correspondência entre elas. Octavio Paz, poeta e ensaísta mexicano, faz uma afirmação sobre a distinção entre poesia e prosa.

> [...] o ritmo se dá espontaneamente em toda forma verbal, mas só no poema se manifesta plenamente. Sem ritmo, não há poema; só com ritmo, não há prosa. O ritmo é condição do poema, ao passo que para a prosa ele não é essencial (PAZ, 2012, p.74).

Paz compara a prosa com a marcha e a poesia com a dança. Usando a metáfora geométrica, ele liga a prosa à linha reta, sempre em frente, com uma meta precisa. Já o poema seria um círculo, algo cujo fim é também o princípio. O poema se fecha sobre si mesmo. É autossuficiente.

O poema possibilita outras leituras, além da linear, porque sua organização sugere ao leitor a associação de palavras ou expressões, posicionadas no texto de forma estratégica. Portanto, o poema é a poesia organizada com palavras.

A poesia está presente no poema, assim como em outras obras de arte. Ela convida o leitor a retornar à obra mais de uma vez, desvendando as pistas que o texto oferece para a interpretação. O leitor pode fazer uma construção significativa a partir dos recursos sonoros, ilustrativos e das linguagens carregadas de expressividade. Moriconi (2002, p. 08) relata que

> A poesia brinca com a linguagem. Chama atenção para possibilidades de sentido. Explora significativamente coincidências sonoras entre palavras. Fabrica identidades por analogia, através das imagens ou metáforas: mulher é flor, rapaz é rocha, amor é tocha. Nuvem é pluma. Pedra é sono.

Quando falamos em poema, estamos tratando da obra, do próprio texto, da organização das palavras. O poema é uma das formas de se concretizar a poesia. E, quando falamos em poesia, entendemos que é, segundo o autor de alguns dos mais abalizados estudos publicados no Brasil no campo da crítica e da historiografia literária, Massaud Moisés, em *A Criação Literária - Poesia*, “a expressão do ‘eu’ por meio de palavras polivalentes, ou metáforas”. A linguagem poética é totalmente figurativa, conotativa.

O que torna o poema poético não é a sua forma literária, as rimas, estrofes e metros, mas sim o fato de ele ter sido tocado pela poesia. Nem todo poema, então, contém poesia. Um poema didático, por exemplo, criado com o intuito de ensinar a Língua Portuguesa ou de transmitir uma moral, pode não conter poesia, mesmo estando escrito em versos. Talvez seja escrito em forma de poema para facilitar oaprendizado, visto que se torna, dessa forma, mais fácil de memorizar, por causa das rimas, que geralmente possuem. De acordo com Paz (2012, p. 22):

> Um soneto não é um poema, e sim uma forma literária, exceto quando esse mecanismo retórico – estrofes, metros e rimas – foi tocado pela poesia. Há máquinas de rimar, mas não de poetizar. Por outro lado, há poesias sem poemas; paisagens, pessoas e fatos muitas vezes são poéticos: são poesia sem ser poemas.

A poesia é capaz de cativar leitores de todas as idades e de todas as épocas, sensibilizá-los e possibilitar a vivência de inúmeras experiências.

O que a natureza oferece ao homem torna-se matéria-prima para o poeta. Pode servir de motivação para a escrita de poemas. Alegrias, tristezas, emoções e cenários, desde os mais simples até os mais sofisticados, estimulam a inspiração de

quem trabalha com a palavra e se coloca como articulador da linguagem poética.

Paz (2012, p.21) inicia sua obra *O Arco e a Lira* definindo poesia:

> A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] Isola; une. Convite à viagem, retorno à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio todos os conflitos objetivos se resolvem e o homem finalmente toma consciência de ser mais que passagem.

A poesia está além das categorias de corpo e alma, além do bem e do mal. Entendemos, a partir de Paz, que, como primeiro ato de criação poética temos o nascer das palavras, o que as faz únicas. Depois, as palavras regressam ao poema se convertendo em objetos de participação. O poema pode ser uma criação individual, mas no momento da leitura, do deleite, é participativo. De maneira cíclica, poeta e leitor se alternam, elaborando a poesia. Nas entrelinhas do poema estão variadas recepções que dependem do leitor que produzirá sentido através da sua leitura, do contato com o texto.

Somos o mundo das palavras e elas o nosso, por isso, nós não conseguimos escapar da linguagem. Não existe pensamento nem conhecimento sem a linguagem. São ambos, como nós, humanos, inseparáveis das palavras.

O poema nasce da palavra e chega à imagem. A imagem não explica, ela provoca a recriação. Leva o homem para fora de si e depois o convida a regressar ao estado original. De acordo com Paz (2012, p.119), “A poesia é entrar no ser”.

O poema permanece invariável, mas a poesia pode variar seu sentido para cada leitor e em cada época. Cada leitor aprecia a poesia por motivos particulares. Há leitor que se emociona, que sente prazer, outro, nem tanto. Há aquele que dará um sentido às palavras que outro nem imaginava existir. O mesmo leitor, em época diferente, pode encontrar novo sentido no mesmo poema.

Paz (2012) cita Aristóteles, com relação à crítica à Poética, pelo fato de a natureza servir de paradigma e fonte de inspiração para os poetas gregos. A natureza deixou de ser modelo para os poetas modernos porque perdeu toda a sua consistência.

> Não é sequer um objeto, porque a própria ideia de objeto perdeu sua antiga consistência. [...] Tampouco sabemos onde termina o natural e começa o humano. O homem, há séculos, deixou de ser natural. Alguns o concebem como um feixe de impulsos e reflexos, ou seja, como um animal superior. [...] para a cibernética o homem se comporta como uma máquina. [...] Natureza e história tornaram-se termos incompatíveis, ao contrário do que acontecia entre os gregos (PAZ, 2012, p. 72).

Entretanto, mantêm-se, segundo Paz (2012, p. 73), a ideia aristotélica de "[...] a poesia ser uma reprodução imitativa, se entendemos por isso que o poeta recria arquétipos, na acepção mais antiga da palavra: modelos, mitos".

É o leitor quem encontra a poesia no poema. De acordo com Massaud Moisés, "[...] a poesia do poema surge-nos por intermédio da leitura, o que equivale a dizer que construímos, cada qual a seu modo e quantas vezes quiser, a poesia que o poema detona" (MOISÉS, 2003, p. 91). Portanto, a poesia está presente no leitor e nem todo leitor encontrará a mesma poesia no mesmo poema. E, ainda, se não houver leitor, o poema torna-se letra sem vida. O poeta brasileiro contemporâneo, Manoel Wenceslau Leite de Barros (Manoel de Barros), inicia assim, seu poema "Tratado geral das grandezas do ínfimo" (TGGI, 2005, p. 19): "A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei".

Esse verso ressalta o entendimento de que a poesia pode ser encontrada nas palavras, é aquilo que pode (ou não) desprender-se das palavras, como sensações e compreensões. Cada leitor pode fazer seu exercício de descobertas e ressignificações.

De acordo com Moisés (2003), a distinção entre a poesia e a prosa não pode se fundamentar na aparência, nos aspectos extrínsecos. Por exemplo, se o texto está escrito em verso ou linha comum. É necessário focalizar os aspectos intrínsecos. A poesia tem uma lógica própria, que vai além da análise gramatical e do significado, enquanto a lógica de um texto não poético está na estrutura sintática e no significado.

Massaud Moisés (2003), ao fazer uma análise histórico-cultural, classifica o início da poesia com o início da cultura ocidental e a prosa literária (não a prosa da oratória, ou de filósofos e historiadores...) só se desenvolveu com o Romantismo, a partir de século XVIII. "Daí se compreender que a prosa literária existente até o setecentismo,

composta de contos e novela, apresente menor relevo que a prosa oratória e discursiva e a poesia lírica, épica ou dramática" (MOISÉS, 2003, p.80). O verso, portanto, era empregado, muitas vezes sem poesia, como era o caso de grande parte da poesia épica e da poesia didática. Mais tarde, a prosa literária "passou a ser encarada como capaz de expressar arte, no mesmo nível da poesia" (MOISÉS, 2003, p. 80). Muitos conteúdos, então, passaram a ser transmitidos através da prosa literária.

A literatura, entre tantas características, é marcada pelo predomínio da subjetividade e da polivalência dos signos. A poesia e a prosa possuem essas características. Por isso, possuem semelhanças. Então, é necessário analisar a essência de cada uma. De acordo com Moisés (2003, p. 84):

> A diferença é que importa marcar, e esta deve estribar-se na essência de cada uma, ou melhor, no objeto sobre o qual se debruçam, e, ao mesmo tempo, na visão que revelam nesse debruçamento.

De acordo com Moisés, a poesia tem por objeto o "eu", o ângulo do qual o poeta "vê" o mundo e se volta para si próprio. O poeta busca dentro de si algo a ser revelado, aquilo que está dentro dele, em sua fantasia criadora. Ele exprime, através de palavras, e de forma poética, aquilo que está em seu "eu-profundo"[2]. O autor classifica o "eu-profundo" como a

> [...] camada íntima do 'eu', onde se depositam as vivências decorrentes do contacto com o mundo exterior, e transfiguradas pelos outros 'eus' e pela imaginação, recalques, complexos, etc., reino de caos, anarquia, alogicidade, composto de sensações vagas, difusas, ainda não verbalizadas, impermeável ao mundo exterior, salvo na medida em que abriga os arquétipos, analogias profundas entre o inconsciente individual e o coletivo (MOISÉS, 2003, p.85).

Portanto, o poeta busca trazer ao mundo consciente suas vivências e impressões inconscientes. Faz isso utilizando-se de metáforas, permitindo ao leitor verificar vários sentidos e intenções, "de modo que a polivalência da metáfora reproduz a polivalência interior". (MOISÉS, 2003, p. 87)

---

[2] Massaud Moisés classifica o "eu" em três níveis: o "eu-social", o "eu-odioso" e o "eu-profundo", à semelhança dos estratos freudianos: consciência, subconsciência e inconsciência. Nos movimentos literários, esses níveis poderiam ser assim localizados: o "eu-odioso" estaria presente no Romantismo, o "eu-social", no Realismo, e o "eu-profundo", no Simbolismo.

Na poesia, as palavras perdem o sentido original e comum, o convencional e sensato, elas adquirem características conotativas. Entretanto não seria poético qualquer expressão metafórica. Por exemplo, “o braço do sofá está rasgado”. Essa expressão não é poética porque se trata de uma catacrese, uma expressão cotidiana, bem contrária à metáfora, que é algo inovador, diferente. A metáfora convida o leitor a decifrar um enigma. Observe um soneto de Camões:

> Amor é fogo que arde sem se ver;
>
> ferida que dói, e não se sente;
> um contentamento descontente;
> dor que desatina sem doer.
> um não querer mais que bem querer;
>
> um andar solitário entre a gente;
> nunca contentar-se de contente;
>
> um cuidar que se ganha em se perder.
> querer estar preso por vontade;
>
> servir a quem vence, o vencedor;
> ter com quem nos mata, lealdade.
> Mas como causar pode seu favor
> Nos corações humanos amizade,
>
> Se tão contrário a si é o mesmo Amor?
>
> (CAMÕES, 1988, p. 34.)

No primeiro verso, a palavra “fogo” é utilizada como metáfora para definir poeticamente o amor, que é, em todo poema, visto como contraditório. Nota-se que o autor iniciou o texto com a palavra Amor, trazendo definições contraditórias, as quais são visíveis em quase todos os versos e encerra com a mesma palavra Amor, confirmando a ideia contrária. Podemos visualizar melhor algumas oposições, da seguinte forma:

> É fogo que arde / sem se ver
> É ferida que dói / e não se sente

De um lado temos a definição e do outro temos uma ideia oposta da definição apresentada anteriormente. É como se tentasse explicar o amor de modo objetivo e racional, mas não conseguisse, porque não é fácil de explicar. O amor, portanto, é um sentimento que não se define. O autor finaliza dizendo que o amor é contrário a si, ou seja, é algo misterioso e inexplicável. Camões utiliza-se de antíteses e paradoxos para mostrar que a contrariedade, no amor, causa sofrimento. É a

realidade de um sentimento sendo manifestada pela arte.

2.3 POESIA NA SALA DE AULA

É preciso pensar em um ensino de poesia na sala de aula, pois a poesia traz um mundo imaginário à tona. O contato com a poesia desde as primeiras séries da aprendizagem faz da criança um ser mais sensível às coisas do mundo, um ser que questiona os outros e a si mesmo, incentivando o diálogo e a troca de ideias. Na nossa proposta, mais especificamente, a poesia será grande fonte de estímulo à leitura e à escrita.

A arte é necessária ao homem, e a poesia, como toda arte, é importante na educação escolar. O trabalho com poesia na escola fundamental faz-se necessário porque a formação escolarizada do leitor tem início nesse período e permanece ao longo da vida.

O ambiente escolar, por si próprio, é um lugar de interação entre a criança e o mundo, a criança e outras crianças e dela com a linguagem. Acontece, em alguns casos, de serem na escola os primeiros contatos com o livro, especialmente o de literatura, com os poemas de autores canônicos. A escola e o professor devem priorizar esse encontro e torná-lo prazeroso e de sucesso.

Sabendo que a poesia tem ritmo e melodia, proporcionados pelo jogo de palavras que cria imagens e pela sonoridade, o professor pode levar o aluno a enxergar a poesia como um enigma que precisa ser desvendado. As palavras, no texto, se organizam para encobrir o sentido, e o leitor, ao fazer parte desse jogo, precisa entrar em campo para descobrir o que o jogo de palavras tenta ocultar. Essas peculiaridades da poesia despertam o leitor para o prazer de ler, pois fazem da poesia um texto lúdico.

Os recursos formais de um poema também devem ser trabalhados, de acordo com a série em questão. Alguns conceitos de teoria literária devem ser ensinados aos alunos, como verso, estrofe, rimas e metrificação. A localização de casos de elisão, hiato poético, sinérese, diérese e sílabas tônicas, por exemplo, que são importantes para facilitar a localização do ritmo do poema, obviamente que deve fazer parte do

conhecimento do professor, mas não se deve trabalhar com essas nomenclaturas, apenas mostrar aos alunos alguns recursos que produzem efeitos no poema. O ritmo dependerá da disposição das sílabas tônicas e átonas e a cadência seria “a regularidade de movimentos do ritmo” (MEGALE, 1975, p. 13). É na leitura do texto escrito que emergem certos elementos orais (altura, timbre, velocidade) que dão a sensação do ritmo. Uma poesia pode abrir mão da rima, da estrofe e da métrica, mas do ritmo não. Ele é a grande marca da poesia.

Nas séries finais do Ensino Fundamental é importante que o aluno entenda que a partir da realidade o artista cria outra realidade imaginária e isso depende do talento do artista e dos seus conhecimentos. Professor da Universidade de São Paulo, Megale (1975, p. 02) afirma que “literatura é a invenção, a criação de uma realidade própria por meio de um processo intencional de elaboração estética do texto”.

Entendemos que o escritor se comunica através da linguagem, a qual possui funções. Essas funções devem ser apresentadas aos alunos, de uma forma bem simples, para que consigam entendê-las. No caso do trabalho com o texto poético, tratar da função poética da linguagem, que é quando a mensagem explicita um trabalho de elaboração feito sobre a própria forma da linguagem, objetivando provocar algum efeito de sentido no receptor. É a própria mensagem que cria ficticiamente uma realidade própria. Nesse momento, surge a importância de explicitar que a criação do artista não pode ser entendida como uma obra que reflete o estado emotivo do autor ou esteja relacionado aos seus problemas pessoais. Deixar claro para os alunos que no texto poético há um eu-lírico (sujeito- lírico ou eu-poético) que expõe ao leitor o sentimento que emerge do poema.

Se os professores não estão trabalhando com poesia, talvez a justificativa seja a falta de prazer ou porque não se sentem à vontade para trabalhá-la em sala de aula, visto que a poesia exige conhecimento dos elementos que compõem o poema. Não é uma tarefa fácil. É preciso ter sensibilidade e prazer pela poesia, entrar no mundo da imaginação do poeta e fazer com que a criança entre também. Unir esses dois mundos é o grande desafio do professor e é com base nesse desafio que se desenvolve a nossa proposta prática, a ser descrita mais adiante.

Observamos muitos professores reclamarem, nessa última década, sobre uma

mudança de comportamento nos alunos: aumento da inquietação, dificuldade de concentração e de leitura. Acreditamos que muitos alunos revelam desinteresse e pouco envolvimento com a leitura em sala de aula porque a metodologia utilizada pode não estar adequada para o nível deles. Os profissionais costumam alegar que os alunos vêm demonstrando mais interesse por mídias, como jogos eletrônicos e redes sociais. Entendemos que, se o aluno utiliza muito as redes sociais é porque lê bastante e escreve (digita, no caso) aquilo que lhe interessa, que causa prazer. Então, concluímos que existe uma necessidade de adaptação, também, por parte do professor, para esse tempo moderno no qual nos encontramos.

Entendemos que o trabalho com o texto poético também pode ser prazeroso para o aluno, podendo contribuir para o desenvolvimento de uma prática leitora. Cabe ao educador promover o encontro do aluno com a poesia, através de uma metodologia que esteja de acordo com a faixa etária de seus alunos, para que ele tenha uma boa aceitação do texto poético, de seus desafios e das possibilidades que ele oferece.

O uso da biblioteca também é indispensável. Para isso, é necessário que ela tenha condições de funcionamento. Precisa ser ventilada, ter espaço suficiente para livros e alunos, ser um lugar agradável e, principalmente, ser aberta, acessível. O trabalho na biblioteca torna-se um complemento do trabalho em sala de aula para o despertar do hábito da leitura.

3 METODOLOGIA

No curso de Mestrado Profissional, a metodologia utilizada pelo pesquisador pode ser aquela em que haja participação tanto do pesquisador quanto dos demais envolvidos, para que, coletivamente, consigam buscar soluções para os problemas apontados. O pesquisador não é detentor do saber. Ele precisa de que todos os envolvidos contribuam com as etapas da pesquisa, por meio de ações transformadoras.

Na pesquisa, o planejamento é organizado de forma conjunta pelo grupo. Esse planejamento é flexível, podendo sofrer alterações, de acordo com o envolvimento e interação dos participantes. Consequentemente, esperamos que ocorra mudança de comportamento da equipe. No nosso caso, mudança de atitudes e práticas na realidade escolar em que se insere a pesquisa.

Como pesquisadora, meu projeto foi elaborado a partir de uma inquietação, de um problema que eu desejei mostrar que existem formas de se resolver. Optei pela linha metodológica da Pesquisa Participante, pelo seu valor dialógico. Ela busca envolver o pesquisador e aquele que é pesquisado no estudo do problema que se quer superar, construindo, de maneira conjunta, as possíveis soluções, promovendo uma produção coletiva de conhecimentos, rompendo com o monopólio do saber e da informação, partindo do pressuposto de que todo ser humano é uma fonte original e insubstituível de saber. Com a união de conhecimentos, espera-se o surgimento de um conhecimento novo e transformador.

Outra característica é unir a teoria com a prática de forma dinâmica. A partir daí, os desafios vão surgindo ao longo das ações, definindo a necessidade e a metodologia da pesquisa participante.

A pesquisa participante leva em conta as potencialidades do grupo. A intenção é valorizar o saber do aluno e a partir daí construir a proposta da nossa pesquisa. É uma metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) de cada membro da equipe. Existe um método a ser utilizado, mas a prioridade é o envolvimento interacional entre o pesquisador e o pesquisado. De acordo com Brandão (1990, p. 11), na pesquisa participante “[...] pesquisadores-e-

pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes [...]". Essa interação não significa negar o papel ativo do pesquisador, mas também não deixar o aluno ser objeto passivo da ação do professor, mas sujeito do processo de investigação, sujeito da aprendizagem.

No livro Pesquisa Participante, de Brandão (1990, p. 19), dois integrantes do IDAC[3] registram, em um artigo, que, de acordo com Paulo Freire "[...] a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem". Isso demonstra que a ação educativa não pode ser feita apenas pelo educador, não se trata de um saber pronto e acabado, o qual depois é depositado nos educandos. E continua

> É totalmente impossível imaginar uma separação entre o sujeito da pesquisa [...] e o seu objeto [...] se o sujeito é ele mesmo um ser social, se são as ações humanas que modelam e transformam a sociedade da qual o pesquisador é parte integrante, podendo inclusive sofrer as consequências do projeto social que propõe ou das transformações que sua ação pode provocar (OLIVEIRA & OLIVEIRA, In.: BRANDÃO, 1990, p. 24).

A finalidade da pesquisa participativa é favorecer a busca de conhecimento e a consciência crítica do grupo, durante o processo, através de uma transformação para assumir um papel autônomo. O pesquisador, de forma ativa, colocará à disposição da equipe o material para ser utilizado, desenvolvido, aperfeiçoado e avaliado por todos. O pesquisador não estará, dessa forma, sendo superior, mas sendo alguém que contribuirá para o processo de transformação.

É importante, nesse tipo de pesquisa, que a comunicação estabelecida seja bem compreendida pelo grupo. Em nosso caso, como se trata de aluno de 8º ano, nada de linguagem rebuscada, mas uma comunicação simples, acessível a todos.

Ao final, oferecemos um produto educacional, com base no nosso próprio trabalho em sala de aula e que acreditamos poder auxiliar outros professores do ensino

[3] Rosiska Darcy de Oliveira e Miguel Darcy de Oliveira são da equipe do Instituto de Ação Cultural e autores do artigo "Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la" O IDAC foi criado em Genebra por Paulo Freire e outros companheiros de exílio. O texto é uma versão revista de um trabalho publicado em 1973, na Suíça. O texto original em francês foi traduzido e publicado no Brasil, em 1978, pela Editora Tempo e Presença, como suplemento nº 20 aos cadernos de CEI, Rio de Janeiro.

fundamental atuantes em escolas públicas. O objetivo deste aprofundamento teórico é primeiramente embasar a formulação das propostas de práticas didático-pedagógicas que farão parte daquele produto final. O percurso, como se nota, envolve ao mesmo tempo revisão de literatura sobre poesia e sobre ensino. A nossa percepção é de que teoria e prática devem andar juntas, por isso acreditamos que, ao final, o próprio produto educacional que nascerá desta nossa proposta provará a aplicabilidade de alguns pensamentos e propostas encontrados nos textos teórico-críticos. O próximo passo nesse ciclo de pesquisa é fazer com que a experiência prática adquirida e desenvolvida ilumine e alimente, por sua vez, a base teórica, provando a sua aplicabilidade.

Nossa proposta envolve alunos de séries finais do ensino fundamental II, objetivando contribuir para a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, na formação do aluno leitor e produtor de texto, por meio do texto poético.

3.1 LOCUS DA PESQUISA E SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

Nossa pesquisa abrange a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Waldemiro Hemerly”, localizada no município de Rio Novo do Sul, Espírito Santo. Uma das características da Pesquisa Participante é conhecer bem o grupo envolvido, não só com relação às suas expectativas, mas também sobre o meio social, econômico e cultural de toda a equipe. Dessa forma,

> Constituído pela sociedade e participante de sua construção, o pesquisador não pode querer olhá-la de fora, do alto de sua torre de marfim. Estas torres são miragens que não resistem ao sopro da vida real (OLIVEIRA & OLIVEIRA, In.: Brandão, 1990, p.25).

Os alunos participantes da pesquisa encontravam-se no 8º ano do Ensino Fundamental, turno matutino. A maioria dos alunos que compõe esse grupo é morador do interior do município e, portanto, necessita de transporte escolar, que é oferecido pelo Governo do Estado. O ônibus passa próximo à casa dos alunos, por volta de uma hora antes do início das aulas, que é às 7 horas. Ao soar o sinal de encerramento do turno, ao meio-dia, os ônibus já se encontram a espera. Eles apresentam dificuldade para realizar atividades de pesquisa no contraturno. Somente uns poucos conseguem por ter alguém da família com disponibilidade para buscar ou por poder ficar em casa de parentes ou amigos, na sede. Não existe

transporte intramunicipal para moradores, apenas escolar. Quando a escola realiza atividades envolvendo todos os três turnos, é feito um combinado com o setor de transporte para alteração nos horários. Isso mostra que são alunos que têm dificuldade em realizar atividades fora do seu horário normal de aula e as atividades em grupo só são realizadas dentro do espaço escolar porque são pessoas de comunidades distantes umas das outras e, até os moradores de mesma comunidade apresentam dificuldades, visto que as casas, normalmente, não ficam muito próximas. Nas comunidades rurais, predomina o trabalho com agricultura e pecuária, envolvendo a ajuda dos familiares. Portanto, muitos alunos ajudam seus pais no período vespertino.

Os professores não exigem, sempre, trabalhos digitados e impressos porque poucos possuem computador em casa. Quando tem que ser assim, os alunos pesquisam durante o horário de aula, no laboratório de informática e, quando a atividade é para casa e em grupo, sempre há alguém que consegue ficar no outro período e utilizar os serviços do Centro de Inclusão Digital do município, o qual oferece serviço gratuito de internet, digitação e impressão de trabalhos, ou ir a uma *lan house*, ou ainda, receber auxílio de amigos e parentes.

Existe serviço de internet somente em algumas partes da zona rural, em casa de particulares. Dependendo da localidade, até o uso do celular para fazer ligação, é de difícil acesso.

Escolhemos essa série porque é aquela com a qual trabalhamos nos anos de 2015 e 2016. Isso facilitou a investigação para que os resultados obtidos fossem os melhores possíveis, visto que eu me encontrava em sala de aula como professora de Língua Portuguesa da turma.

3.2 INSTITUIÇÃO ESCOLAR E COMUNIDADE

A EEEFM “Waldemiro Hemerly” foi fundada em 1958, com o nome de “Ginásio de Rio Novo do Sul”, por uma sociedade particular. Em 1967 deu-se o encampamento pelo Estado, tornando-se uma escola pública, com o nome de “Colégio Estadual e Escola Normal de Rio Novo do Sul”, pela Lei nº 2.270, de 10/01/1967. Em 1971, adequando-se à Lei nº 5.692/71, passou a denominar-se “Escola de 1º e 2º graus de

Rio Novo do Sul”.

Figura 01 - Fachada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio.

Fonte: Arquivo pessoal

Em 2002 passou a chamar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Waldemiro Hemerly”, de acordo com a portaria nº 055-R, de 12/06/2002, em homenagem ao empresário Waldemiro Hemerly, cidadão rionovense que muito se empenhou na construção do prédio da escola.

Em 2006 passou por uma grande reforma e hoje dispõe de 02 (dois) pavimentos, com um ambiente acolhedor. Dentre os principais cômodos temos 16 salas de aula, laboratório de informática, laboratório de ciências, auditório, refeitório, sala de recursos multifuncionais e biblioteca. O colégio dispõe, ainda, de uma quadra coberta, um ginásio de esportes, um pátio coberto e um elevador, que visa à acessibilidade de alunos portadores de deficiência física. Consideramos que o espaço da biblioteca deveria ser maior em relação ao número de alunos por sala (média de 32). Quando os professores optam por levar toda a turma à biblioteca, acabam utilizando-se do pátio de entrada da escola, servindo de espaço para essa atividade extraclasse.

A escola caracteriza-se como de grande porte, com 84 funcionários e 906 alunos, divididos em três turnos. Oferta a Educação Básica, nas modalidades Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) e Educação para Jovens e Adultos (EJA), e ainda o Ensino Médio.

A atual gestora é a professora Deuza Lorencini Barros, nomeada em 15/03/2005.

O município de Rio Novo do Sul está localizado no sul do Estado do Espírito Santo, às margens da BR 101, há 105 km da capital Vitória. Sua população estimada em 2010 era de 11.271 habitantes. Pouco mais de 50% vive no perímetro urbano. A situação econômica da população é média baixa e muitos são agricultores, funcionários públicos, trabalhadores do comércio e das empresas de mármore e granito nas redondezas do município e municípios vizinhos. Tem crescido muito a procura pelos cursos superiores em cidades próximas, uma vez que o município não oferece esse tipo de curso.

3.3 O TRABALHO EM SALA DE AULA E O *BLOG*

Para que se alcancem os objetivos pretendidos, alguns caminhos podem ser bem producentes. O primeiro deles está em resgatar a poesia, trabalhar com o texto poético a partir das memórias dos alunos. Pedir que levem para a sala de aula e apresentem textos que considerem poéticos e explicar o porquê. Depois desse universo concreto, seria possível entender a conceituação que cada um tem de poesia e poder trabalhar as noções básicas de diferença entre prosa e poesia. Traçar as características que fazem com que um texto seja classificado como poético.

O segundo procedimento na caminhada seria trabalhar com autores clássicos (Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Camões e Gregório de Matos), utilizando seus poemas para uma análise em conjunto e abrindo espaço para os alunos expressarem sobre as diversas leituras possíveis.

Ainda com o intuito de resgatar a poesia para o desenvolvimento do gosto da leitura e da escrita, utilizaremos, também, como recurso, poemas musicados e poemas concretos, favorecendo um maior envolvimento e tornando o trabalho mais agradável e prazeroso.

Ao final das pesquisas e do trabalho realizado sobre os diversos tipos de poesia, realizaremos produções textuais inspiradas em materiais selecionados e pesquisados, confecção de objetos para divulgação de textos poéticos e teatro.

Com o objetivo de auxiliar e colaborar para uma melhor qualidade do ensino e do desenvolvimento do gosto pela leitura e escrita do aluno do Ensino Fundamental,

sistematizamos toda a proposta sobre as aulas realizadas e divulgamos em um *blog*, para apresentação do desenvolvimento de um trabalho dinâmico com poemas, a fim de transformar a experiência em um produto de ensino e aprendizagem.

O *blog* intitula-se Poesias na sala de aula[4] e está estruturado com relato das oficinas e com fotos e vídeos das atividades realizadas. A divulgação das imagens dos alunos foi devidamente autorizada pelos pais e responsáveis.

Nossa expectativa é que esse trabalho, divulgado em espaço virtual acessível, se torne atrativo para os alunos, incentivando-os a ler textos poéticos de forma crítica e que auxilie outros profissionais na realização de atividades envolvendo poesia.

[4] Link: poesiasnasaladeaula.blogspot.com.br

4 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA E RELATO DE EXPERIÊNCIA

Dedicamos 25 aulas, divididas em 15 momentos, para a realização de oficinas com os alunos, com o objetivo de mostrar que o texto poético deve ser utilizado em sala de aula porque é um gênero textual prazeroso, que provoca curiosidade e interesse em desvendar o mistério das palavras.

As oficinas foram realizadas com base nos autores lidos para a realização desta pesquisa. O objetivo foi colocar desafios para a turma, dando condições para que o texto poético fosse considerado interessante.

- ✓ **1º Momento**: (2 aulas)

Os alunos preencheram um questionário (Apêndice) sobre seus conhecimentos e preferências com relação à poesia. O objetivo foi o de conhecer a realidade dos alunos com relação à leitura de textos poéticos, saber se gostam, se consideram interessante, se têm o hábito de ler poemas na escola. A partir das respostas dos alunos, foi possível perceber que, quando o assunto é poesia a maioria se lembra de rimas e sentimentos. A maioria afirmou ler poemas somente de vez em quando, alguns disseram não ter o hábito de ler poemas e somente dois alunos disseram possuir o hábito de ler esse gênero textual. A maioria também afirmou não escrever poemas, alegando falta de capacidade ou, simplesmente, por não gostarem mesmo. Os autores mais lembrados foram Fernando Pessoa e Vinícius de Moraes. Perguntei o motivo de se lembrarem desses autores, então disseram que é porque tinham irmãos e primos no Ensino Médio, que haviam feito atividade relacionada a esses escritores. Outros admitiram que “colaram” do colega. A maioria concorda que entender um poema, às vezes não é fácil. Em conversa com a turma, foi possível compreender que o texto poético não é um tipo de leitura da preferência deles. Alguns chegaram a dizer que não gostam mesmo, que só leem por obrigação. Uma aluna disse ser chato ler e escrever poemas. Quase todos marcaram que ler poemas é uma forma de distração, mas na verdade leem pouco.

O resultado da pesquisa foi bastante desafiador.

2) Após o preenchimento dos questionários, disse a eles que havia trazido um poema para leitura e discussão, com o título “As sem-razões do amor”, do escritor

Carlos Drummond de Andrade (Anexo A). Discutimos então, antes mesmo do contato com o poema, sobre o título. A intenção em discutir antes de verem o título escrito foi proposital porque todos logo imaginaram a palavra “sem” como “cem”.

Logo, começaram a discutir que poderiam existir cem (100) razões para o amor acontecer. Depois entreguei o poema escrito com um pequeno chocolate colado, para saborearem junto com a leitura silenciosa. Poucos alunos riram quando viram o título e a maioria disse que eu havia digitado errado: “Professora, você escreveu cem com ‘s’” Eu disse que não havia escrito errado, que o título era assim mesmo. Uma aluna sentada mais à frente comentou: “Então não é “cem” de número, é “sem” de falta, de não existir razão”. À medida que foram lendo, foram comentando que não existem razões para amar, ama-se e pronto, que não existem explicações por gostar de alguém. De acordo com uma aluna “Eu mesma gosto de um menino que eu nem deveria gostar, ele é apaixonado por outra. Eu sei disso, ele até já me falou, mas eu não consigo explicar porque gosto dele assim...”.

Abordamos o tema “amor” porque foi um pedido da turma e também porque o livro didático utilizado apresentava esse tema no primeiro capítulo.

- ✓ **2º Momento** (1 aula)

A turma foi levada ao laboratório de informática a fim de pesquisar um texto poético que gostasse para apresentar no dia seguinte. Poderia ser um texto que aprenderam na infância ou mais recentemente, junto à família ou na escola, em livros que leram ou na internet. Ou seja, eles estariam livres para a escolha, de acordo com o interesse e vivência. Foi um momento interessante porque pesquisar, na internet, para alguns alunos, é um grande momento, devido à dificuldade de acesso na zona rural. Alguns alunos pediram para acessar o *Facebook*, porque sabiam da existência de páginas com textos poéticos. A permissão foi concedida, sob orientação, entretanto tiveram que utilizar seus próprios aparelhos de celular porque não existe liberação para uso de redes sociais nos computadores da escola. Foi dada orientação, também, sobre o cuidado de verificar a veracidade da autoria dos textos, porque sabemos que vários textos circulam na internet com autoria falsa.

Figura 02 - Alunos no laboratório de informática.

Fonte: Arquivo pessoal.

- ✓ **3º Momento** (1 aula)

Levei a turma para o pátio e procuramos o melhor lugar para se sentar, onde houvesse sombra. A ideia era que a turma se sentisse mais à vontade. Cada aluno leu seu poema de amor e comentou algo que lhe chamou a atenção ou trecho do qual mais gostou. Entretanto, uma aluna leu um texto inédito, de sua autoria. Ela disse que sentiu vontade de escrever, porque ela gostava e o tema “amor” despertava-lhe muito a atenção. A turma aplaudiu ao final da leitura e a elogiou bastante. Muitos ficaram impressionados com a coragem dela de escrever sozinha e ainda ler perante todos. Eu, particularmente, fiquei surpresa, porque ela não havia dito nada.

Eis o poema da aluna:

EU EM VOCÊ

O teu cheiro na minha roupa
Teu sorriso na minha memória
Lembrando disso tudo
Me faz esquecer das horas

Meu eu em você
Amor incondicional
Por ti vale lutar
Até contra todo o mal

Se um dia se perder

Encontre-se a mim
Pois mesmo sempre distante
Eu estarei aqui

Quando tudo parecer sem solução
Venha até a mim que te dou a minha mão
Mesmo que não me ame
Eu te amarei eternamente
Do fundo do meu coração.

As meninas, principalmente, foram as que mais gostaram. Perguntei se ela gostaria de comentar. Ela disse que se tratava de amor não correspondido, mas que houve um encontro. Não quis dizer mais, porque ficou com vergonha. Mas aos poucos as meninas foram falando que ela estava se referindo a ela mesma, que a colega havia se apaixonado, mas o garoto era de outra cidade, eles “ficaram” durante uma festa.

A menina riu, com muita vergonha, mas disse que era mesmo, que gostava de escrever sobre o que estava se passando em sua vida. Aplaudimos de novo e eu a incentivei a continuar a escrever.

Registro de alguns momentos de leitura:

Figura 03 - Momento com os alunos no pátio.

Fonte: Arquivo pessoal.

- ✓ **4º Momento** (1 aula)

Apresentei à turma o poema “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Camões (Anexo B). Discutimos sobre alguns versos, sobre a linguagem utilizada. Perguntei o que percebiam no verso “É ferida que dói e não se sente”. Um aluno disse, de imediato: “Troço doido, como pode isso? Por que ele escreveu assim? Se dói é porque ele está sentindo, né” (risos). Aproveitamos então, a oportunidade para falar de metáforas e paradoxos. Após a explicação, voltamos a fazer a leitura do poema, mas antes de analisar os paradoxos pedi que explicassem por que o poema sempre iniciava com o verbo “é”. Não souberam falar nada. Li de novo, pausadamente, dando ênfase aos inícios dos versos: “Amor é... é... é...”. A partir daí alguns alunos, logo disseram:

“Está explicando o que é o amor em cada verso”, “Está dando definição”. Parabenizei a turma e continuamos: “ Então, como será que o poeta definiu o amor?” – disse eu. Nessa atividade, a participação da turma foi bem intensa, vários alunos falaram que o amor era inexplicável e confuso, difícil de entender. Uma menina lembrou: “É tipo aquele outro que você trouxe pra gente, aquele que tinha chocolate, a gente ama e pronto, não precisa ter explicação. De repente a gente até gosta de alguém e a pessoa nem merece, mas mesmo assim a gente continua gostando”. Foi um momento bem significativo, tanto para mim quanto para essa aluna porque ela se lembrou do poema de Drummond, mesmo que não soubesse mais o título nem o autor e tenha ficado gravado em sua memória o chocolate, mas houve recordação do conteúdo.

- ✓ **5º Momento** (2 aulas)

O poema para discussão nesse encontro foi de Gregório de Matos, “Ardor em coração firme nascido”. (Anexo C)

Comecei pedindo que observassem a forma do poema, os versos e estrofes. Depois expliquei um pouco sobre as principais características do soneto italiano: dois quartetos e dois tercetos, distribuição das rimas.

Deixei que comentassem sobre o poema e, então, foram feitos comentários do tipo “Fala de tristeza”, “Acho que fala de amor, mas as pessoas não estão juntas não”. Perguntei como haviam percebido a tristeza. A maioria disse que não sabia explicar, mas a aluna que gosta de escrever sobre amor disse que pranto significava choro. Pedi, então, que lessem o segundo verso, novamente, na ordem direta: “Pranto por belos olhos derramado” e concluímos que o sujeito-lírico havia chorado por alguém de belos olhos.

Perguntei se percebiam alguma semelhança com o texto de Camões, trabalhado na oficina anterior. Um menino disse: “Tem uns versos com aquela parada maluca de coisa complicada. Aqui, ‘incêndio em mares’ e ‘rio de neve em fogo’”. Relembramos o uso de Antíteses, a proximidade de palavras de sentido contrário. Conversamos também sobre o soneto, com seus versos e estrofes fixos e as rimas. Mostrei a eles, utilizando a 1ª estrofe, a questão da metrificação. Eles acharam “muita loucura” e também muito difícil de fazer assim.

Perguntei se acharam difícil esse jeito de escrever poema e todos disseram que sim. Lancei um desafio: expressar um sentimento, de forma poética, através de um soneto e ainda usando alguma figura de linguagem.

Não exigi deles a questão da metrificação, apenas a forma fixa de dois quartetos e dois tercetos e as rimas. A atividade foi realizada em duplas.

- ✓ **6º Momento** (1 aula)

Esse dia foi reservado para apresentação (leitura) dos sonetos escritos pela turma. Eis um exemplo de um texto escrito pela aluna Janaína:

Figura 04 - Soneto escrito por uma aluna.

Fonte: Arquivo pessoal

- ✓ 7º **Momento** (2 aulas)

Nesse dia cheguei perguntando: “Alguém aqui já gostou de uma pessoa, mas descobriu que ela gostava de outra e não de você?”.

Uma menina imediatamente levantou a mão e disse: “Ah, isso já aconteceu comigo. É muito ruim, tive que esquecer”. Muitos não quiseram se manifestar e alguns disseram nunca ter acontecido com eles.

O texto a ser discutido era “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. (Anexo D). Após a leitura, deixei que se expressassem livremente sobre os desencontros registrados no poema. Depois lancei alguns questionamentos:

1) O que havia em comum nas decisões tomadas por João e Teresa?

Somente um aluno chegou à conclusão de que os dois haviam tomado decisões de

se afastarem, de ir para outro lugar. No caso, o homem foi para um país distante e a mulher se enclausurou num convento.

2) O que significa a expressão “ficar para tia”?

Nenhum aluno conhecia essa expressão, que na verdade já está bem ultrapassada, não faz parte da realidade dos jovens de hoje. Quando expliquei que se tratava de ficar solteira e não se casar, alguns se lembraram de já ter ouvido.

3) O que você percebe de interessante na vida da Lili?

Todos disseram que ela foi a única que se casou. Pedi que observassem se havia mais alguma coisa. Alguém acabou dizendo que ela se casou com uma pessoa que não fazia parte da história. Indaguei à turma sobre o fato do nome da pessoa com quem a Lili se casou não aparecer por extenso, mas somente a letra inicial. Muitos disseram que era porque ele não era uma pessoa importante ou era importante demais ou era conhecido dessa forma pelas pessoas. Um menino disse que parecia se tratar de gente importante, como dono de alguma empresa ou então era um policial, porque, geralmente, policial é conhecido pelo sobrenome. Mas o que me chamou a atenção foi quando uma menina disse que o nome não aparecia completo, apenas o “J” inicial, porque era o nome de uma mulher, então o autor não quis escrever para não causar tumulto. Imediatamente os alunos riram. Eu pedi que ela explicasse melhor. Ela disse: “A Lili era lésbica, professora! Olha, ela não gostava de ninguém, ou seja, na verdade ela não gostava de homem nenhum, mas de uma mulher”. Confesso que eu não havia pensado nessa possibilidade. Considerei interessantíssima a leitura da aluna. A turma riu e disse que era provável que essa fosse a melhor leitura. Portanto, poderia ser Joana, Joelma, Juliana, Josiani... Esse foi um momento bastante divertido e descontraído, porque citaram meu nome, entre as possibilidades. Conversamos então, rapidamente, sobre o preconceito que as pessoas homossexuais sofrem e que isso pode fazer com que elas sintam medo de declarar sua opção sexual.

4) E quanto ao caso do suicídio?

Todos entraram no consenso de que Joaquim suicidou-se porque descobriu que Lili, a mulher que ele amava era lésbica. “Claro, né, gente, ele foi trocado por uma

mulher. Não deve ser fácil aceitar uma situação dessa...” – disse uma menina. Nesse momento eu questionei o fato de uma decisão tão extremada. Aos poucos, foram concluindo que uma pessoa que tem uma atitude dessas não deve estar bem psicologicamente.

5) O que o assunto do poema tem a ver com o título: Quadrilha?

De início ninguém soube dizer nada. Pedi para que se lembrassem sobre a festa da Quadrilha que eles costumam participar, aquela que a escola mesmo promove todos os anos. Perguntei como era a dança, o desenrolar da quadrilha. Imediatamente, duas alunas disseram: “A gente troca de par, professora!”. Então, perguntei se havia troca de par no texto? Eles foram falando, vários ao mesmo tempo até. A participação da turma foi muito boa nesse dia. Mas a conclusão geral foi a de que o poema de Drummond trata dos relacionamentos modernos, pouco duradouros, porque as pessoas deixam de amar ou gostar facilmente de alguém e logo se apaixonam por outra. Perguntei se acontecia dessa forma com eles. Riram demais e disseram que sim. Uma hora estão apaixonados, não saberiam viver sem uma determinada pessoa, mas depois que conhecem outra, logo aquela paixão se esfria.

Sugeri à turma a construção de uma paródia desse poema. Disse que seria um desafio e que eu sabia da capacidade deles. Reuni-os em grupos e deixei o tema livre.

Figura 05 - Alunos escrevendo paródias.

Fonte: Arquivo pessoal

- ✓ **8º Momento** (1 aula)

Esse foi o dia das apresentações das paródias. De maneira geral, a turma disse que gostou de fazer, que ficou interessante.

Algumas paródias:

QUADRILHA DAS REDES SOCIAIS	DESTINO
João curtiu a foto de Tereza	João colou de Teresa
Que seguiu Raimundo	Que colou de Raimundo
Que comentou o post de Maria	Que colou de Maria
Que curtiu o twitter de Joaquim	Que colou de Joaquim
Que seguiu Lili no Instagram	Que não colou de ninguém.
Que não curtiu ninguém.	João cansou de estudar
João agora namora Tereza	Teresa não conseguiu emprego
Raimundo dá uns “pegas” em Maria	Raimundo virou sorveteiro
Que é melhor amiga de Joaquim	Maria nada virou
Que é um frustrado por ser louco por Lili	Joaquim se tornou professor
Que na verdade é lésbica	Mas salário mesmo, pouco ganhou.
E casou-se com J. Pinto Fernandes	
Que ela conheceu no Snapchat.	

- ✓ **9º Momento** (2 aulas)

No dia desse encontro levei a turma para o laboratório de informática para pesquisar sobre Poesia Concreta ou Poesia visual. Durante a pesquisa, fui mostrando que se trata de um modo diferente de fazer poesia, envolvendo arte, som, visualidade e o sentido das palavras. O verso tradicional seria totalmente abolido, seria a exploração da potencialidade das letras, formando um significado, transformando o poema numa arte visual.

Depois de observarem vários exemplos, de autores diversos, voltei com eles para a sala de aula com a proposta de criarem o próprio poema concreto, individualmente ou em duplas.

A proposta foi muito bem aceita pela maioria. Poucos disseram que seria muito difícil, que não conseguiriam.

Eis alguns resultados:

Figura 06 - Poemas de alguns alunos.

Fonte: Arquivo pessoal

- ✓ **10º Momento** (2 aulas)

Nesse momento de realização do projeto eu levei para a turma alguns poemas para que pudessem ser lidos e discutidos, em grupos. Pedi que observassem a harmonia e a sonoridade das palavras. Eram sonetos de Vinícius de Moraes e de Cecília Meireles.

Coloquei uma música cantada por Raimundo Fagner, para escutarem: “Motivo”. A letra dessa música trata-se do poema “Motivo”, de Cecília Meireles (Anexo E), a qual foi musicada pelo famoso cantor cearense, na década de 70. O meu objetivo era que os alunos se dedicassem na musicalização dos poemas sugeridos.

Figura 07 - Alunos realizando atividade de harmonia e musicalização.

Fonte: Arquivo pessoal

Houve um pouco de tumulto na hora, porque consideraram a atividade muito difícil. Disseram que não eram cantores e que não entendiam de música. Conversei com a turma dizendo que seriam capazes sim, que eu não iria propor uma atividade que estivesse acima da capacidade deles. Por esse, motivo, gostaria que tentassem, era um desafio que eu estava lançando à turma.

A proposta foi aceita. Disse a eles que estariam livres para utilizarem o celular a fim de ouvir algum ritmo e assim, conseguirem realizar a tarefa.

Nos dias de aula ligada à poesia parecia que o tempo passava mais rápido que o normal. Então, conseguiram apenas iniciar a atividade.

- ✓ **11º Momento** (2 aulas)

Esse dia foi reservado para continuidade da atividade anterior. Comecei a me surpreender com alguns resultados, principalmente o de uma menina e de um menino, que se mostraram bem talentosos.

- ✓ **12º Momento** (2 aulas)

Dia especial demais. Todos preparados para apresentarem os poemas musicados. Atribuí o nome de “Sabor e Poesia” porque preparamos um lanchinho para depois das apresentações. Infelizmente não tem como registrar aqui o som, mas eles cantaram, mesmo estando muito nervosos e tímidos. Entretanto, tudo se encontra registrado no *blog* Poesias na sala de aula.

Figura 08 - Turma toda reunida antes das apresentações.

Fonte: Arquivo pessoal

Nesse dia, contamos com a presença da Pedagoga da escola, que, ao final, parabenizou a turma, principalmente porque no início do ano muitos professores não queriam trabalhar com essa turma em virtude de péssimos comentários feitos por professores do ano anterior. Ela contou isso à turma e disse que estava se surpreendendo com eles, o oitavo ano A, e desejou que continuassem assim ou ainda melhores.

O primeiro grupo apresentou o poema “Retrato”, de Cecília Meirelles.

Figura 09 - Primeiro grupo apresentando o poema “Retrato”, de Cecília Meirelles.

Fonte: Arquivo pessoal

Segundo grupo: “Soneto do Amor Total”, de Vinícius de Moraes.

Figura 10 - Segundo grupo apresentando “Soneto do Amor Total”, de Vinícius de Moraes

Fonte: Arquivo pessoal

Terceiro grupo: “Soneto de Fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

Figura 11 - Terceiro grupo apresentando “Soneto de Fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

Fonte: Arquivo pessoal

Quarto grupo: “Soneto de Contrição”, de Vinícius de Moraes.

Figura 12 - Quarto grupo apresentando “Soneto de Contrição”, de Vinícius de Moraes.

Fonte: Arquivo pessoal

A última equipe apresentou “Soneto de Separação”, de Vinícius de Moraes.

Figura 13 - Quinto grupo apresentando “Soneto de Separação”, de Vinícius de Moraes.

Fonte: Arquivo pessoal

Momento em que a Pedagoga conversa e parabeniza a turma.

Figura 14 - Visita da pedagoga.

Fonte: Arquivo pessoal

Dessa maneira encerrei as oficinas de poesias com meus alunos do ano letivo de 2015, mas pretendendo dar continuidade no ano de 2016, porque ficou faltando

duas propostas que eu já havia planejado. Infelizmente, não pude escolher a mesma turma, devido o seguimento de uma ordem de escolha dos professores. Contudo, não poderia deixar de realizar atividades envolvendo poesias com meus novos alunos, porque eu acredito na produtividade que esse trabalho proporciona.

- ✓ **13º Momento** (2 aulas)

Nova turma, mas mesma série do ano anterior, oitavo ano.

Fomos para a sala de informática a fim de pesquisar poemas para deixar registrado em objetos que seriam confeccionados por eles mesmos. Pedi que aproveitassem a internet e o computador para pesquisarem também alguns objetos, de preferência o máximo possível reciclado. O objetivo era mostrar que as pessoas, ao pegarem os objetos para ver, com certeza parariam para ler os poemas e/ou trechos registrados. Dessa forma, a literatura poética seria divulgada entre alunos e professores da escola. Não houve rejeição por parte de nenhum aluno para cumprimento dessa atividade.

Retornamos para a sala de aula e cada um foi trocando ideia com um colega sobre a confecção do seu objeto. Aproveitei materiais da escola para doação.

Figura 15 - Confecção dos objetos relacionados aos poemas.

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 16 - Confecção dos objetos relacionados com os poemas.

Fonte: Arquivo pessoal

- ✓ 14º **Momento** (2 aulas)

Dia de apresentação do trabalho. Cada aluno mostrou seu objeto, leu o poema ou trecho somente e comentou algo a respeito, sobre o motivo da escolha. Depois organizamos uma mesa no corredor da escola para deixar os objetos visíveis para serem tocados e lidos.

Figura 17 - Apresentação dos objetos confeccionados.

Fonte: Arquivo pessoal
Figura 18 - Apresentação do projeto "Arte com Poesia".

Fonte: Arquivo pessoal

- ✓ **15º Momento** (2 aulas)

Dia de leitura de Cecília Meireles. O poema é “Marcha” (Anexo F). O objetivo era trabalhar a intertextualidade da quinta estrofe do poema com a primeira estrofe da música “Canteiros”, de Fagner. Novamente, mas agora com outra turma, o trabalho sendo realizado com enfoque no poema musicado.

Distribuí a letra do poema para cada aluno e a letra da música. Pedi que observassem as semelhanças das estrofes citadas. Fomos conversando sobre o tema Saudade. Depois coloquei a música para a turma ouvir, mas cantada por um jovem, apenas com o acompanhamento de um violão. Minha intenção era que ouvissem uma música que foi lançada em 1973, mas modernizada na voz de um jovem, porque eles iriam cantar também.

Proposta aceita, até mesmo por uma aluna que disse que sabia tocar um pouco de violão. Depois, a turma teve a oportunidade de ouvir a mesma música, porém na voz do cantor Fagner.

Ensaiamos bastante, mas a garota não conseguiu tocar, então ficamos com o acompanhamento do som gravado mesmo. Organizamos um simples teatro para ser

apresentado para outra turma.

O resultado foi muito bom, houve participação de toda a turma. Incluímos música, poesia e arte. O cenário era o próprio espaço escolar, no momento de aula vaga (quando o professor se ausenta por motivo justificado ou não). Uma aluna pede para ler um poema de Cecília Meireles e a turma autoriza. Outra aluna, com um violão, faz um fundo musical durante a leitura e outro aluno ilustra o que ouve numa folha de cartolina.

A gravação pode ser vista no *blog* Poesias na sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura precisa ser uma atividade prazerosa nas salas de aula, para aos poucos, surgirem leitores em potencial. É necessário propiciar aos alunos a oportunidade de perceber, no ato de ler, não apenas mera decifração de códigos, mas a realidade vinculada à linguagem. Nesse sentido, nos referimos a uma atividade dinâmica e geradora de prazer, não sendo um processo mecânico de decodificação. A leitura deve contribuir para o aprimoramento dos conhecimentos.

O papel da escola, portanto, é fundamental porque ela vai intensificar o contato com a leitura e o incentivo que, geralmente, parte da família. É a escola que dará significado na formação integral do aluno e na construção de sua identidade. E para aperfeiçoar o desenvolvimento da leitura é importante a presença da escrita, visto que ambas estão interligadas dentro do processo ensino/aprendizagem. O papel do professor deve ser destacado pelo seu comprometimento com a formação cultural de seus discentes. Ele é o mediador, aquele que abre espaço para promoção de leitura crítica e reflexiva, algo essencial à formação de um aluno sujeito, não uma simples leitura como pretexto para cumprimento de conteúdos curriculares, aquela com fins didáticos.

Em se tratando de leitura literária, destacamos sua importância pela possibilidade de o leitor realizar vários significados e, a partir de sua leitura, refletir sobre a realidade. A literatura é importante para a reflexão e enriquecimento cultural e, numa relação dialógica entre texto e leitor, os pensamentos vão fazendo sentido. Em nossa pesquisa foi possível perceber o envolvimento dos alunos com uma participação ativa e desejo de expor o que entenderam do texto. O professor não é a figura central nas aulas de leitura do texto literário, mas um mediador, uma voz a mais para interagir com o grupo, na construção do conhecimento.

O destaque para o texto poético é porque consideramos um gênero textual bem significativo e que tem sido pouco valorizado. Esta dissertação pauta-se na ideia de trabalho com poesia pelo seu valor significativo, que auxilia no desenvolvimento do intelecto dos alunos. Buscamos, principalmente, em Aristóteles, a ideia de que o assunto e a essência é que vão determinar se o texto é poético. Em Octavio Paz, o destaque para o nascer das palavras, que farão, junto com o poeta, o poema. O

leitor elaborará a poesia através do sentido produzido pelo contato com o texto. Através de Massaud Moisés, confirmamos que o leitor é que dá vida ao poema e que a poesia pode ser encontrada de maneira diferente, dependendo da bagagem cultural de seus leitores. Isso quer dizer que nem todo leitor encontrará no mesmo poema, a mesma poesia.

A proposta apresentada neste Trabalho de Conclusão Final de Curso me ajudou muito como professora, fazendo-me sentir ainda mais entusiasmada a não desistir de trabalhar o texto literário em sala de aula, especificamente o poético, porque foram muitas as experiências de aprendizagem vividas por mim e por meus alunos. Acredito que o fato de realizar a experiência com meus próprios alunos foi até mais interessante porque nos fez sentir mais à vontade, tanto eu quanto os alunos. Na verdade, eu voltei a atuar no Ensino Fundamental devido o curso de Mestrado porque há anos eu tenho me dedicado à primeira turma do Ensino Médio. E hoje posso dizer, diante das muitas experiências de aprendizagem vividas por mim e por eles, que sinto o desejo de continuar com turmas assim, a fim de dar continuidade ao meu trabalho, realizando outras propostas que, ao longo do tempo, através de leitura de textos de estudiosos no assunto e, também, através da experiência adquirida por mim na regência de classe.

A troca de informações ocorrida no processo de aprendizagem foi muito significativa, eu me senti mais completa e o retorno obtido foi maravilhoso. Vários alunos falaram que começaram a divulgar trechos de poemas em suas páginas do *Facebook*. Ou, seja, aos poucos vamos colaborando com o aumento do número de leitores de textos literários. Causa-nos muita alegria quando uma aluna se expressa dizendo: “Professora, sinto saudades de ler poesia com você”. Essa frase foi dita por uma aluna do ano de 2015, que participou da pesquisa, mas que nesse ano de 2016 não é mais minha aluna.

O trabalho foi bastante positivo, mesmo com algumas dificuldades, pois as turmas eram bastante tímidas, tinham vergonha de apresentar para outros alunos, até mesmo de se apresentarem em sala, fato ocorrido com a música cantada em grupo e com leitura de texto redigido por eles mesmos. Outra dificuldade obtida foi o fato de serem alunos de localidades diversas do interior e não conseguirem se reunir em grupos no contraturno e também o difícil acesso à internet por parte da maioria. Mas

obtivemos progresso mesmo assim.

Percebi a turma bem à vontade pelo fato de saberem que as atividades não seriam recolhidas para receberem nota, mas que meu objetivo era permitir a liberdade de expressão, trabalhar a imaginação e a criatividade, refletindo sobre si mesmo e sobre a sociedade. E dessa forma o trabalho foi realizado, de forma livre e criativa, aproveitando o diálogo com outras artes, como a música e o teatro, favorecendo uma crescente aproximação do texto literário com o aluno. As propostas eram centradas na compreensão leitora, de maneira que as estratégias utilizadas eram para fazer inferências e elaboração de hipóteses, na tentativa de alcançar um sentido para os textos.

O desenvolvimento de atividades de produção textual, no gênero poesia, alcançou, para mim, resultado satisfatório, porque as atividades fizeram sentido na vida dos alunos, o tema era de escolha deles, de acordo com o interesse, relacionado a um momento específico de suas vidas e também porque tiveram oportunidades de aplicar a criatividade. Não tivemos o interesse em formar escritores, apenas permitir a manifestação do conhecimento propiciando aos educandos manifestarem-se literariamente, desenvolvendo competências leitoras e críticas diante de nossa sociedade, mesmo que de forma tímida.

Apresentamos, portanto, de uma maneira simples, propostas de trabalho com o texto literário, destacando o texto poético, para turmas das séries finais do ensino fundamental envolvendo alunos do interior de Rio Novo do Sul, mas que podem servir para auxiliar outros profissionais da área, destacando que o texto poético é bem-vindo sim entre os alunos, é capaz de provocar interesse entre os educandos, desenvolver o prazer de ler e discutir um texto porque é um gênero capaz de despertar o interesse em todo público, não somente no infantil, como consta meu relato sobre a diferença da importância dada nas escolas em que atuo. O papel do professor é muito importante porque ele exerce influência na vida de seus alunos. Portanto, se a leitura de poemas não for um hábito na vida do professor, conseguir estimular a leitura por parte dos seus alunos seria muito difícil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Literatura Comentada**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1990. p. 46.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 1238.

ARISTÓTELES. **Poética**. (tradução de Edson Bini). São Paulo: Edipro, 2011.

BARROS, Manoel de. Tratado geral das grandezas do ínfimo. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Ministério da Educação (Brasil). **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa, 1998.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Poesia Lírica**. 2. ed. São Paulo: Ulisséia, 1988.

CANDIDO, Antônio (Org.). **O Direito à Literatura.** *In* **Vários Escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 2004.

ELIOT, T. S. **A essência da poesia:** estudos e ensaios. (tradução de Maria Luiza Nogueira) Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Básico Escola Estadual.** Vitória: SEDU, 2009.

FREITAS, Manoel Guilherme. **A poesia na sala de aula**: reflexões sobre o ensino de língua materna. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros/RN, 2012.

MATOS, Gregório de. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997. Pág. 64.

MEGALE, Heitor. **Elementos de Teoria Literária**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

MEIRELES, Cecília. **Os melhores poemas de Cecília Meireles**. 6. ed. São Paulo: Global, 1984. p. 11, 13, 25.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária** – Poesia. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORAES, Vinícius de. **Livro de Sonetos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 19, 23, 55, 91.

MORICONI, Italo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Como ler Fernando Pessoa**. São Paulo: Scipione, 1988.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In.: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa Participante.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira.** (tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht). 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PESSOA, F. **O Eu profundo e os outros Eus.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

POUND, Ezra. **A arte da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1976.

_____. **O ABC da literatura.** São Paulo: Cultrix, s/d.

QUADROS, Tiane Reusch de. **A interpretação do texto poético no Ensino Médio e o ponto de vista dos estudantes**: algumas considerações acerca da disciplina de Literatura Brasileira. 2015. Contexto (Revista do programa de pós--graduação em Letras), p. 352-382, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória/ES, 2015.

SANTOS, Leonaldo Batista. **O poema em sala de aula**: a vez e a voz do leitor. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O Ato de Ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, Renata Junqueira de (Org). **Caminhos para a formação do Leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010.

APÊNDICE A - Entrevista com Alunos

Nome:_____
Série: _____ Idade:_____

1- Para você, o que é poesia?

_____
_____

2- Qual a diferença entre poesia, prosa e poema?

_____
_____
_____

3- Letra de música tem poesia? Comente.

_____
_____

4- Você costuma ler poemas?

( ) Sim ( ) De vez em quando ( ) Não

5- Recorda-se de poemas que você tenha lido e gostado muito?

_____
_____

6- Quais são os poetas que você “conhece”?

_____

7- Como você teve contato com os poemas?

( ) Em casa ( ) Na escola ( ) Televisão ( ) Internet

8- Tem dificuldades para entender um poema?

( ) Sim, sempre. ( ) Sim, às vezes ( ) Não

9- Escreve poemas? Por quê?

_____
_____

10- Ler um poema, para você, é :

( ) Distração ( ) Obrigação ( ) Prazer ( ) Desafio

ANEXO A - As sem-razões do amor

AS SEM-RAZÕES DO AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Eu te amo porque te amo,
Não precisas ser amante,
E nem sempre sabes sê-lo. Eu te amo porque te amo. Amor é estado de graça
E com amor não se paga.
Amor é dado de graça, É semeado no vento,
Na cachoeira, no eclipse. Amor foge a dicionários E a regulamentos vários.
Eu te amo porque não amo
Bastante ou demais a mim. Porque amor não se troca,
Não se conjuga nem se ama. Porque amor é amor a nada,
Feliz e forte em si mesmo.
Amor é primo da morte,
E da morte vencedor,
Por mais que o matem (e matam)
A cada instante de amor.

ANEXO B - Amor é fogo que arde sem se ver

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se e contente;
É um cuidar que ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís Vaz de Camões

ANEXO C - Ardor em firme coração nascido!

Ardor em firme coração nascido!
Pranto por belos olhos derramado!
Incêndio em mares de água disfarçado!
Rio de neve em fogo convertido!

Tu, que em um peito abrasas escondido,
Tu, que em um rosto corres desatado,
Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido.
Se és fogo, como passas brandamente?
Se és neve, como queima como porfia?
Mas ai! Que andou Amor em ti prudente.
Pois para temperar a tirania,
Como quis, que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu, parecesse a chama fria.

Gregório de Matos

ANEXO D - Quadrilha

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Carlos Drummond de Andrade

ANEXO E - Motivo

MOTIVO

Eu canto porque o instante existe
E a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noite e dias
No vento.

Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço,
- Não sei, não sei. Não sei se fico
Ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.
.
Cecília Meireles

ANEXO F - Marcha

MARCHA (Cecília Meireles)

As ordens da madrugada
romperam por sobre os montes:
nosso caminho se alarga
sem campos verdes nem fontes.
Apenas o sol redondo
e alguma esmola de vento
quebram as formas do sono
com a idéia do movimento.

Vamos a passo e de longe;
entre nós dois anda o mundo,
com alguns mortos pelo fundo.
As aves trazem mentiras
de países sem sofrimento.
Por mais que alargue as pupilas,
mais minha dúvida aumento.

Também não pretendo nada
senão ir andando à toa,
como um número que se arma
e em seguida se esboroa,
- e cair no mesmo poço
de inércia e de esquecimento,
onde o fim do tempo soma
pedras, águas, pensamento.

Gosto da minha palavra
pelo sabor que lhe deste:
mesmo quando é linda, amarga
como qualquer fruto agreste.
Mesmo assim amarga, é tudo
que tenho, entre o sol e o vento:
meu vestido, minha música,
meu sonho e meu alimento.

Quando penso no teu rosto,
fecho os olhos de saudade;
tenho visto muita coisa,
menos a felicidade.
Soltam-se os meus dedos ristes,
dos sonhos claros que invento.
Nem aquilo que imagino
já me dá contentamento.

Como tudo sempre acaba,
oxalá seja bem cedo!
A esperança que falava
tem lábios brancos de medo.
O horizonte corta a vida
isento de tudo, isento…
Não há lágrima nem grito:
apenas consentimento.

ANEXO G - Autorização da instituição coparticipante

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VITÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, DEUSA LORENCINI BARROS, responsável pela ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO “WALDEMIRO HEMERLY”, estou ciente e autorizo a pesquisadora e professora JOSIANI LOUZADA DA SILVA a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado “A POESIA NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR”. Declaro estar ciente das corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, bem como do compromisso de segurança e bem estar dos alunos envolvidos.

Rio Novo do Sul - ES, 19 de outubro de 2015.

_____

Assinatura e carimbo do responsável institucional

ANEXO H - Termo de Consentimento

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VITÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,_____

(responsável), _____(nacionalidade), _____ (estado civil), _____ (profissão), RG _____, residente _____ _____,autorizo_____ _____, _____(parentesco), aluno(a) do 8º ano A, a participar de todas as atividades relacionadas à pesquisa “A POESIA NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO LEITOR”, que será realizada pela pesquisadora e professora JOSIANI LOUZADA DA SILVA, na EEEFM “WALDEMIRO HEMERLY”, em horário normal de aula, bem como ser fotografado(a) e filmado(a) em momentos de atividades para ser publicado em sua pesquisa e em redes sociais.

Rio Novo do Sul – ES, 19 de outubro de 2015.

_____
Assinatura do representante legal do aluno (sujeito) da pesquisa

_____
Pesquisadora e Professora responsável
Telefone: 28 999032279
E-mail: josianilouzada@hotmail.com